# STELLA

ANO-1

FEVEREIRO-1937

Nº 2

ANO I — FEVEREIRO — 1937 — N.º 2

# STELLA

Revista Católica de Cultura Feminina

**PROPRIEDADE DA CASA DE NOSSA SENHORA DAS DORES**

**Fátima — Cova da Iria — Portugal**

DIRECTORA
**Maria da Soledade Mourão de Freitas**

ADMINISTADORA
**Mariana Almeida Ferreira de Sousa**

## SUMÁRIO

I – Sua Santidade o Papa Pio XI – *Mira Ceti.*
II – Sancta Maria! – *Mira Ceti.*
III – Vivamos a Liturgia – A. A. *de Sousa Alves.*
IV – Pólen divino – *Lutgarda* (Obl. S. B.).
V – A hora da graça – *Roseirita.*
VI – Desígnios insondáveis da Providência – *Maria Teresa.*
VII – Teatro da Juventude – Benjaminas em acção – *M. de Freitas.*
VIII – Cartas à J. C. F. – *Maria Teresa.*
IX – O que se usa.
X – O Mistério da Visitação – *Mira Ceti.*
XI – *Ridendo...*
XII – Telas Portuguesas – *C. B. Lopo de Miranda.*
XIII – Tesoiro Doméstico.
XIV – Fátima e o Milagre – *Mira Ceti.*
XV – Atende um momento... – A. A. *de Sousa Alves.*
XVI – Um pouco de arte.
XVII – O Berço das Belas Artes – A. A. *de Sousa Alves.*
XVIII – Congresso Mariano Nacional Francês.
XIX – Mês a Mês – *M. de Freitas.*
XX – Écos de Fátima.

**Colaboração artística de Filomena de Freitas**

## Condições de assinatura de "Stella,,

**Assinatura annal**

| | |
|---|---|
| Portugal continental e insular . . | 25$00 |
| Colónias Portuguesas e Brasil. . | 30$00 port. |
| Outros países . . . . . | 35$00 port. |
| Número avulso . . . . . | 2$50 |

PEDIDOS À

**CASA DE NOSSA SENHORA DAS DORES**

**FÁTIMA COVA DA IRIA PORTUGAL**

N. B. — 1.º A assinatura começa sempre com o 1.º número de cada ano e é paga adiantadamente.

2.º O aviso de pagamento saïrá no número imediatamente a seguir.

3.º A assinante que conseguir **10** assinaturas (pagas) merece o título de "Propagandista„ e será como tal inscrita em registo especial.

IMPRIMATUR. – Leirin, 22 Februarii 1937.
† *JOSEPHUS, Episcopus Leirinensis.*

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA DA OFICINA DE S. JOSÉ – BRAGA

# Sua Santidade o Papa Pio XI

## (TRÊS LUSTROS DEPOIS)

Foi precisamente há 15 anos, na manhã do dia 6 de Fevereiro de 1922.

O tempo estava triste, o céu nublado.

Uma chuva miúdinha e impertinente caía sem cessar desde alta madrugada.

Por cima da Capela Sixtina, a última *fumata* perdera-se no espaço, entre nuvens. O novo Papa havia sido eleito poucos momentos antes pelo Sacro Colégio reúnido em Conclave.

À praça de S. Pedro regorgita de fiéis que se comprimem, abrigados da intempérie por milhares de chapéus de chuva.

O Santo Padre Pio XI no seu gabinete de trabalho

No alto da *loggia* exterior da Basílica aparece a Cruz, o estandarte de tôdas as provações e de tôdas as alegrias. O Cardial Bisleti, decano dos Cardiais Diáconos, assoma ao parapeito. No meio do mais profundo silêncio, a sua voz clara e bem timbrada proclama: *Aquiles Ratti, Pio XI.* A multidão prorrompe em aclamações.

As grades do átrio da Basílica estão abertas de par em par. Mas nem uma só pessoa se move. Como explicar êste facto? Após a proclamação dos últimos três Papas, a vaga humana tinha-se precipitado com impetuosidade no interior da grande igreja, a maior do mundo.

O Marechal do Conclave ordena que se fechem as grades. «Seria imprudência deixá-las abertas, diz êle, porque a multidão esmagar-se-ia à entrada dos portões».

Ninguém compreende o que se passa. À bênção papal devia seguir-se à proclamação, como sempre, mas no interior da Basílica. Fechar as grades?!... Porquê?

E as grades são fechadas. Mas a janela da *loggia* abre-se de novo. Aparece a Cruz. Ainda um momento de espera. Depois aparece o Papa recem-eleito, o sucessor de Bento XV, o novo Vigário de Cristo na terra: Pio XI.

À fórmula da bênção ressoa pronunciada grave e lentamente pelo augusto Pontífice: os seus braços estendem-se, elevam-se, seguem o seu olhar para o Céu e o tríplice sinal da cruz leva à multidão imóvel, a Roma, à Itália, a tôdas as nações e a todos os povos, a primeira saüdação e o primeiro voto: a mensagem e o anelo da pacificação universal por que o mundo ardentemente suspira.

À multidão é como que arrebatada por um

transporte impetuoso e os aplausos e as aclamações renovam-se, quebrando a solenidade impressionante do silêncio que até ali reinara.

Decorreram 6 dias. Raiou o dia 12 de Fevereiro.

Céu azul, brilhante, sem nuvens; alegria e entusiasmo nos corações.

A multidão enche a Basílica, aglomera-se na praça de S. Pedro, ocupa as varandas e sacadas dos palácios e as janelas das mais humildes habitações, sobe a todos os pontos elevados da Cidade Eterna donde se possa descortinar o Vaticano.

Todos pensam, todos pressentem que o Pastor Supremo e Pai comum dos fiéis não pode passar sem volver um olhar ao seu rebanho, sem enviar um sorriso a todos os seus filhos. Todos esperam vê-lo e todos esperam receber mais uma vez a sua bênção.

«É impossível que a multidão sáia de S. Pedro sem que primeiro se desobstrua a praça — dizia o Comissário de polícia do bairro, — mas, se o Papa não se mostrar na *loggia*, ninguém se mexerá».

A cerimónia da coroação terminara. Sob as naves da Basílica desenrola-se o sumptuoso cortejo. O Papa é transportado triunfalmente na *sedia gestatoria* aos ombros dos *sampietrini*. No alto da cúpula de Miguel-Angelo soam as trombetas de prata. A multidão que espera no exterior ouve os ecos dêsse magnífico préstito e responde com uma formidável tempestade de vivas e aplausos.

Pio XI chega à *Sala Régia* e volve à direita, em direcção à sala da *loggia*. A janela abre-se, a Cruz adianta-se. Um imenso clamor de alegria saúda o Vigário de Cristo que aparece em tôda a majestade das vestes pontificais. A multidão cái de joelhos. Um instante depois, é prêsa dum arrebatamento entusiástico de amor filial. Os vivas e as aclamações estrugem delirantes como nunca. É um espéctáculo deveras admirável e comovente, impossível de descrever.

A mensagem de paz havia sido renovada. As duas bênçãos de Pio XI tinham aberto novos caminhos para o mundo à antiga e imutável missão do Supremo Pontificado.

Essa missão continua e durará, segundo a promessa divina, até à consumação dos sèculos.

No Papa, com o Papa e pelo Papa, Cristo reina, Cristo vive, Cristo impera!

*Mira Ceti.*

# *Sancta Maria!*

*Um nome existe, sol de eterno encanto*
*que doira a terra e inunda o Céu de luz:*
*outro não há mais belo nem mais santo,*
*excepto o do Homem-Deus, o de JESUS.*

*Nome que estanca a dor e enxuga o pranto,*
*nome que às almas torna doce a cruz,*
*nome que encerra o mais formoso canto*
*da epopeia que a Redenção traduz.*

*Um dia o Arcanjo que baixou da glória*
*profere-o, como um hino de vitória,*
*por sôbre a terra imersa em luto e dor,*

*e, ao ressoar, dos orbes na harmonia,*
*a vez primeira, o nome de MARIA,*
*o mundo inteiro estremeceu de amor!*

Mira Ceti.

# VIVAMOS A LITURGIA!

## II

Á luz da Liturgía, a Santa Igreja Católica é a formosa UNIDADE que já tentei descrever.

E não sei que possa haver de mais belo do que êsse clamor incessante que ela ergue da Terra ao Céu!

Ora é o cântico formosíssimo do MAGNIFICAT que primeiro brotou dos lábios divinamente inspirados de MARIA e há vinte séculos vem sendo repetido pelo côro formidável de todo o mundo cristão; ora é o cântico de Daniel que o profeta põe nos lábios dos três jóvens israelitas lançados na fornalha ardente e que, no meio das chamas atenuadas pelo Anjo, cantam um hino admirável em que põem a Natureza inteira a bemdizer e glorificar o Altíssimo...

Obras do Senhor, glorificai tôdas o Senhor,
louvai-O e exaltai-O por todos os séculos.
. . . . . .
. . . . . .

Sol e lua, glorificai o Senhor:
estrêlas do Céu, glorificai o Senhor.
Chuvas e orvalhos, bemdizei o Senhor.
. . . . . .
. . . . . .

Fogo e calor do estio, bemdizei o Senhor:
frios e rigores do inverno, bemdizei o Senhor.
. . . . . .
. . . . . .
luz e trevas, bemdizei o Senhor:
relâmpagos e nuvens, bemdizei o Senhor.
. . . . . .

Montes e outeiros, bemdizei o Senhor:
plantas que brotais da terra, bemdizei o Senhor.
Fontes, bemdizei o Senhor,
mares e rios, bemdizei o Senhor.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Ora é o «Dies Irae» implorando a misericórdia do Homem-Deus em favor das almas que vão desferindo o seu vôo para as paragens eternas do Além...

Lembrai-vos, ó bom Jesus, que viestes por minha causa.
Justo Juiz, não me deixeis perder nêsse dia!
Concedei-nos, nos vossos rigores, graça e perdão antes
[do dia de contas!
Gemo como um culpado, córo à vista das minhas faltas.
Eu Vos suplico, Senhor: poupai-me!
Vós que sois bom, fazei, eu vo-lo peço, que não arda
[no fogo eterno!
. . . . . .
. . . . . .

O MAGNIFICAT, o BENEDICITE, o DIES IRAE, são joias admiráveis colhidas ao acaso, entre tantas outras de incomparável beleza que o escrínio preciosíssimo da Liturgia católica encerra.

Mas que é, afinal, a Liturgia, «sedutora das almas que prende, arrasta e cativa?

Que nos diz a etimologia da palavra?

Ela ensina-nos que significa *obra pública*, das duas palavras gregas: *ergon*«»*obra* e *leiton*«»*pública*.

Ora o primeiro dever da criatura humana é adorar, louvar e glorificar o seu Criador e Senhor, reconhecendo nÊle o Doador generoso de todos os bens e de tudo quanto a rodeia.

É fácil verificar que a moralidade dum indivíduo, como a moralidade duma nação, é proporcional ao culto que presta a Deus.

Já S. Paulo dizia que as taras morais dos gentios eram devidas à sua recusa de glorificar e honrar a Deus: *Tradidit in reprobum sensum.* (Rom., 124 e seg.)

O culto divino, a obra de Deus, OPUS DEI, é, portanto, uma obra social, uma obra pública, realizada para o bem de todos os indivíduos e em nome de todos.

Os actos do culto divino devem ser actos religiosos pelos quais todo o homem reconheça, com temor de reverência, o supremo domínio de Deus, princípio e fim de quanto existe. Qual será, pois, a entidade encarregada de falar a Deus em nome de tôda a humanidade cristã? Qual será a autoridade com direito a representar todo o género humano e incumbida, em nome de cada um de nós e de todos, dêste culto público, desta obra pública de Deus?

É S. Paulo quem no-lo diz: «*Todos nós somos UM em Cristo*», isto é: tôda a sociedade cristã está encorporada em Cristo. Portanto, a única pessoa capaz de representar diante de Deus os homens de todos os lugares e de todos os tempos, o único *Mediador* entre todos os homens e Deus, Mediador por assim dizer — traço de união — ponte de passagem sôbre o abismo infinito que separa a criatura do seu Criador, é Jesus Cristo, a segunda pessoa da SS.ma Trindade e Êle próprio Deus.

Pela Incarnação o Verbo uniu na Sua pessoa divina as duas naturezas, divina e humana; é, pois, Jesus Cristo, Deus e Homem ao mesmo tempo — a ponte de passagem — o

Pontífice que liga a Terra ao Céu e através do Qual se estabelece a troca admirável de louvores, reparações, oblações e sacrifícios da parte do homem, de graças, bênçãos e de todos os dons da parte de Deus.

É Êle o Sacerdote eterno, o único que, pelo Seu sacrifício perfeito no Calvário, tem o direito de representar a humanidade resgatada.

A união de Cristo com as almas forma o Seu corpo místico de que Êle é a cabeça, o Chefe supremo; unindo-nos ao sacrifício de Jesus Cristo, rendemos a Deus um culto perfeito e aplicamos a nós mesmos os frutos da Redenção.

A Liturgia mantém as relações oficiais e autênticas de Jesus Cristo com Sua Espôsa a Santa Igreja Católica — a sociedade cristã; — ora «a Igreja tem tôda a eficácia para, pela sua Liturgia, aplicar aos homens os frutos de salvação, de perfeição e santidade, merecidos por Cristo que é o Caminho, a Verdade e a Vida» (Dom Columba Marmion, — Semaines liturgiques à Louvain, 1911); não será, pois, muito mais seguro êste caminho traçado por Jesus Cristo e seguido pela Santa Igreja sob a inspiração do Espírito Santo, do que os atalhos das relações privadas da alma com Deus, relações sempre sujeitas a iiusões de ordem vária?

«Ego sum VIA, VERITAS et VITA...» Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida..., disse Jesus; só Êle é a Verdadeira glória do Pai; só por Êle se pode glorificar e louvar dignamente a Deus; «Por Êle, com Êle e nÊle, tôda a honra e tôda a glória vos são prestadas» diz o Canon da Missa; «louvor e glorificação perfeita que tem o seu apogeu no Sacrifício do Calvário» (Dom Chautard).

Sigamos, pois, o caminho que o Mestre Divino nos traçou e a Santa Igreja nos faculta pela sua Liturgia. O fim desta é levar as almas a adorar a SS.ma Trindade; a oração oficial da Igreja conduz-nos ao Pai pelo Filho Jesus Cristo no Espírito Santo.

«Se, como diz na sua Regra o grande Patriarca S. Bento, o nosso espírito está em harmonia com a voz da Santa Igreja — Espôsa de Jesus Cristo, — esta voz será ouvida pelo Céu e, melhor que por qualquer outro meio de intercessão, por ela nos serão obtidas as mais abundantes graças.

«É impossível que um fiel que se deixa guiar pela Liturgia, que se deixa penetrar pelos ensinamentos tão luminosos dos textos e orações da Igreja, não chegue a partilhar os pensamentos e os sentimentos do Salvador, a reproduzir em si as Suas virtudes, a viver, emfim, dessa vida cristã cujo princípio é a graça.» (Dom Columba Marmion).

Portanto, se com tôda a nossa alma desejamos dar a máxima glória a Deus e obter para nós a maior santidade, devemos amar o culto público — a oração oficial da Igreja — e dar-lhe, na nossa vida, o primeiro lugar.

Antes da sua Ascenção gloriosa, o Divino Salvador instituiu o Santo Sacrifício da Missa, renovação incessante da Sua imolação no Calvário, e os Sacramentos para comunicar às almas a Sua vida divina; e foi em tôrno dêles que a Igreja organizou o culto litúrgico, com particular desvêlo, como quem encastôa pedras preciosas em círculos de diamantes.

Todo o ritual litúrgico, isto é, tôdas as cerimónias executadas pela Hierarquia Católica, bem como as fórmulas que devem ser recitadas ou cantadas, tôdas as rubricas respectivas, fazem parte de livros próprios, tais como o Missal, o Ritual, o Breviário, o Pontifical, o Cerimonial dos Bispos, o Martirológio, o Próprio dos Ofícios e das Missas das Dioceses e Ordens religiosas, o Memorial dos Ritos do Papa Bento XIII, etc., e, — para o canto — o Kirial, o Gradual, o Antifonário, o Ofício dos Defuntos, etc.

Todos os ritos contidos nêstes livros são litúrgicos e só êsses.

Daqui inferimos que, por exemplo, a recitação do Têrço, a Via Sacra, a devoção do Mês de Maria ou qualquer peregrinação — ainda que presidida seja por que membro fôr da Hierarquia católica — não são actos litúrgicos.

De forma alguma quere isto dizer que, pelo facto de não serem litúrgicos, sejam menos piedosos êstes actos que a Santa Igreja recomenda e abençôa. Devemos amá-los de todo o coração, porque o Espírito Santo os inspirou e produzem nas almas abundantes frutos de santidade. Sòmente quere dizer que não devemos preferí-los, colocá-los em primeiro plano, antes dos actos litúrgicos da Santa Igreja Católica.

Quantas vezes a nossa devoção pessoal, a nossa oração particular, nos conduz ao desalento pela contemplação das nossas fraquezas e misérias ou à vanglória de algum bem que em nós encontramos, esquècendo-nos lamentàvelmente de que, se algum bem em nós existe, é dádiva da misericórdia divina!

Como a nossa oração com a Santa Igreja é diferente! Como a Liturgia alarga os horizontes da nossa piedade!

Pois não é verdade que, por ela, não somos já uma unidade isolada, mas fazemos parte da sociedade das almas — a Santa Igreja

# PÓLEN DIVINO

Na vida da natureza, como na da graça, há sempre um germen pequenino, que mal divisâmos, mas que nos impulsiona e faz sentir, proceder, amar, dar, renunciar, alegrar, viver e colher!

Que é essa pequenina maravilha que se esconde em tudo o que vive e vibra em tudo o que existe na Terra?...

E' a acção divina, célula que se não vê, mas que opera, a cada momento, as mais extraordinárias maravilhas.

Como não há-de uma criatura sentir-se um nada, reconhecer que nada é, ao reflectir na obra magnífica do Criador de tôdas as coisas?

E, sem embargo da nossa miséria, da nossa nulidade, Senhor, quereis o nosso amor?

Que Vos falta? E' ainda para nos consolardes com a vida divina que mandais que Vos amêmos?!

Para que precisais do nosso amor? Tão pouco constantes, tão pouco perseverantes, tão tíbios, tão ingratos sômos! Tanto Vos esquecêmos, a Vós, Senhor, que esperais sempre o nosso amor, o nosso arrependimento, a nossa gratidão!

Como desejaria sentir bem profundamente a admiração, a veneração, a adoração dos Vossos Santos, para dêste modo Vos honrar e glorificar um bocadinho.

Tudo no mundo, o que vive e o que não vive, Vos dá glória! Mesmo aquêles que Vo-la negam, até êsses têem que reconher a Vossa infinita sabedoria, a Vossa grande e divina misericórdia e amor para com as Vossas criaturas!

Êsse pólen celeste, que poisa suavemente sem que se pressinta, tanto nas almas como nas flores, tanto no pobre como no rico, tanto no soberbo como no humilde, tanto no sábio como no ignorante, dando a cada coisa e a cada um, na medida precisa, inspirando tudo o que é nobre e belo, êsse polen, *sois Vós Senhor!*

E' a Natureza, dizem aquêles a quem perturbam tantas maravilhas...

Mas quem dá à Natureza êsse germen, êsse pólen, que tudo faz desenvolver e germinar? Quem poderá fecundá-lo? Que sábio com a sua ciência fez nascer uma ervazinha, por mais insignificante e rasteira? Quem seria capaz de fazer brotar água duma rocha, por mais que trabalhasse, mil anos que passasse nessa tentativa? Ninguém...

Ninguém, a não ser aquêles que, iluminados pela luz bemdita da Fé e abrasados no santo amor de Deus, em nome do Senhor transportam montanhas e praticam os actos mais sublimes e mais assombrosos. Só aquêles que vivem para Deus, O amam e para Sua maior honra e glória trabalham! Êsses compreendem que a Natureza lhe obedece e que a Natureza conserva no seu seio o misterioso pólen que a faz fecundar e reproduzir.

Os orgulhosos vêem mas não o querem confessar... Os humildes confessam-no e adoram o Senhor, Rei e Criador de tôdas as coisas.

Quando, nas horas de recolhimento e profunda meditação, sentirmos o Senhor na nossa alma, não nos esquèçamos de lhe dizer, como Santa Margarida Alacoque... «Do mais profundo do meu nada, Senhor, me prostro diante do Vosso adorável e divino Coração e Vos rendo tôdas as homenagens do maior louvor, amor, admiração, veneração e reconhecimento de que sou capaz!»

*Lutgarda (Obl. S. B.)*

---

— que reza em nosso nome e em nome de tôda a cristandade?

As nossas preces não passam apenas através dos nossos lábios pecadores, mas também pelos lábios puríssimos do nosso Mediador supremo. O misericordioso Jesus da Galileia enxugava as lágrimas dos que choravam e ensinava com a Sua palavra prodigiosa doutrinas de paz e amor; mas, ainda hoje, depois da Ascenção, Êle cura as nossas enfermidades, quer do corpo quer da alma, continua a desempenhar a Sua Missão e a exercer a Sua acção divina — de maneira visível — no meio da sociedade, por intermédio dos Seus Ministros, Seus instrumentos na Terra, até à consumação dos séculos.

Lembremo-nos, pois, de que a Liturgia, sendo a oração da Igreja, — corpo místico de Jesus — é também a oração de Jesus. Vivamo-la com todo o fervor da nossa alma; e vivamo-la, não só pela oração litúrgica, mas ainda pela freqüência da nossa igreja paroquial, pela obediência ao nosso pároco, aos nossos Prelados; vivamo-la pela nossa assistência inteligente e consciente à Santa Missa, seguindo o nosso Missal, quando um verdadeiro impedimento não obste, unindo-nos aos sentimentos que agitam os lábios e o coração do Ministro do Altíssimo, o próprio Jesus Senhor Nosso, nas Suas funções sacerdotais.

A. A. DE SOUSA ALVES.

# A HORA DA GRAÇA

*Jesus... Jesus mio... Virgen del Rosario...*

Com a cabecinha apoiada na vidraça da janela, Carmencita arregalava os olhos a querer penetrar a obscuridade da *calle* deserta.

A cada invocação da sua alma terna e crente, a mãozinha inchada e ulcerada pelo frio limpava o vidro embaciado no qual, exteriormente, rolavam com lentidão grossas bagas opacas, pastosas.

— *Madrecita...* não se vê nada... só a neve... a neve de que eu tanto gostava, quando tínhamos um lume grande, quando a nossa casa era tão boa, tão quentinha...

Nem sequer tinham acendido o candieiro, pois uma réstea de luz por qualquer frincha de porta ou janela era rastilho de assalto, de roubos e, quantas vezes, de martírio.

— Porque será que o paizinho não vem?

— *Dios lo sabe, hija mia!* Ficou de voltar cedo e... afinal...

A voz sumia-se-lhe afogada num soluço. — Não te aflijas, mãizinha; algum encontro inesperado — qualquer coisa a tratar com que não contava... Vais ver que agora é certo: não tarda a chegar.

— Deus te oiça, Carmencita... mas não sei o que o coração me adivinha...

E não poude conter mais o pranto.

Já Carmencita estava nos seus braços e beijava-a com meiguice.

— Mãizinha! Não me faças chorar também! Olha! vamos rezar ao Pai do Céu para que Êle livre o paizinho de todo o perigo.

Iam ajoelhar, quando sentiram um leve rumor na escada e umas pancadas cautelosas na porta.

Fechada à pressa a janela, acendem uma luz e vão abrir. Sim, era o ente querido, esperado com tanta ansiedade, mas nos braços de dois desconhecidos.

— *Dios mio!* Pepito! Meu querido! Não me ouves? Carmencita! Depressa! Traze água e uma toalha!

... Mas onde encontraram o meu pobre marido?

— Aqui já muito perto. Regressávamos quási a correr e tropeçámos no seu corpo. Traziamos uma lâmpada e arriscámo-nos a muito fazendo uso dela... mas, louvado seja Deus, nada nos aconteceu e julgámos reconhecer o seu marido. Aqui o tem. Nada mais podemos fazer. Médico... medicamentos... os socorros de que êle precisará, para o corpo e para a alma, onde encontrá-los nestas horas negras de desvairamento?

**...pronta a defendê-los sem saber de quê.**

Era o mais novo que falava, nervoso, febril. O mais idoso limitava-se a olhar o grupo a seus pés com mostras de profunda compaixão e a levantar a mão calosa de trabalhador como que a indicar-lhe o Céu.

E saíram ambos, silenciosos, cabisbaixos, acompanhados mais por soluços que por agradecimentos.

Carmencita corre ao quarto e, de mãos postas diante dum crucifixo pendente do seu leitozinho modesto, suplica, lavada em lágrimas:

— *Jesus mio!*

*Buen Jesus!* Não leves o meu paizinho... *sim!...* Vem comigo! — tirava-o, beijava-o e apertava-o contra o peito — quero que êle te veja! Abre-lhe os olhos, sim? Sei bem que não gosta de ti, mas eu *quero* que goste, quero que te ame muito — tanto como a tua Carmencita!

* * *

O crucifixo está sôbre o corpo inanimado e Carmencita, baixinho, não tem senão uma prece:

— Jesus... abre-lhe os olhos... Tu que podes tanto!

E, finalmente, aquelas pálpebras, que pareciam cerradas para sempre, levantam-se, e o olhar desce-lhe sobre o peito.

Um estremecimento, um gesto, talvez mais de remorso que de repulsa, e a pequenita agarra-lhe nas mãos.

— Não, paizinho! Não levo o Jesus. Trouxe-to para que Êle te salve e tu não o queres!... Não vês como estás ferido, tão doente? Vê como Êle sofre também! E por nosso amor... por amor de ti, *padrecito querido.* Olha?

Então o moribundo encara aquêle Cristo que, em tôda a sua vida, talvez se não atrevera a olhar bem de face, e a hora de Deus soava — hora de graça, hora de misericórdia.

— *Pa... dre... Si... Yo... quiero... morir... cristiano...*

As pálpebras caiam de novo; o peito arfava; um rouco estranho tomava-lhe a garganta.

Mãi e filha olhavam-se tràgicamente.

Tinham pedido apenas um lampejo de fé que iluminasse no momento derradeiro aquela alma endurecida, e a graça descia sôbre ela em tôda a pujança, com tôdas as suas riquezas... e exigências.

Era a ânsia da fé vivida, da fé praticada, que fazia entreabrir de novo aquêles lábios, aquêles olhos já tocados dos vislumbres do àlem:

— *Padre!...*

Mãi e filha estreitavam-se aterradas, abismadas no mistério insondável dos desígnios de Deus: o ateu, o perseguidor — quem sabe — o incendiário, o algoz, reclamava o socorro do Seu ministro...

E a visão da linda igreja paroquial, hoje montão de ruinas, estampava-se-lhes na mente aturdida, com suas luzes e flores, pratas e doirados, alvuras de linho e espumas de rendas — porta aberta de sol a sol, acolhedora, maternal, refúgio, esperança e salvação para todos... E o vulto do velho pároco trucidado ao avançar, num último arranco, de braços estendidos para o sacrário...

* * *

— «Padre nuestro, que estás en los cielos»...

Iam rezando baixinho, serenas e resignadas, olhos postos no crucifixo entre as mãos que arrefèciam...

Lá fora o vento sibila com violência.

Nada mais se ouve nas horas primeiras do dia que em breve vai romper... Nada mais?

... Sim... Distingue-se agora um ruído de passos que vem galgando a escada, mansos e prudentes, que se detêm junto da porta. Já a jovem mulher está contra ela, hirta, de braços abertos, olhos esbugalhados para o marido e a filha, pronta a defendê-los sem saber de quê.

Então a pequenita precipita-se também:

— *Madrecita... si fuera el mismo Jesus?*

Abre-se a porta. Surge primeiro o ancião caridoso que apontara o Céu como único recurso àqueles corações dilacerados, e em seguida um jovem que, desembaraçando-se de ampla capa andaluza, deixa ver o rosto pálido, de olhar ardente, emergindo do cabeção negro sacerdotal...

ROSEIRITA.

---

Levemos com paciência e resignação as cruzes a que estamos sujeitos nesta miserável vida e convençamo-nos desta grande verdade: que tôdas as provações da vida presente teem êste carácter comum que, fazendo-nos sentir a nossa miséria e fraqueza, nos levam a recorrer a Deus como à nossa única fôrça, como ao nosso único amparo.

*

Se a Jesus aprouver tornar o meu sofrimento mais intenso, alegrar-me-ei por me tratar tão carinhosamente e oferecer-lhe-ei êsse sofrimento, imensamente pequeno à vista do que Êle por nosso amor padeceu, para que se digne transformá-lo em bênçãos e graças que cáiam sem cessar sôbre as almas a quem tanto quero.

*Irmã Maria Josefina de Freitas Tôrres Brandão.*

# Desígnios insondáveis da Providência

por **Maria Teresa.**

Em direcção à pequena aldeia que, situada no cimo duma colina, parecia querer atraír a vista dos caminhantes para a alvura brilhante e imaculada das suas graciosas habitações caiadas de fresco, só, serena, mas com passo ligeiro, seguia uma jovem que aparentava ter os seus 20 a 25 anos. Vestida despretenciosa e singelamente, dir-se-ia, ao vê-la, que era uma camponesa, mas quem a fixasse atentamente ficaria tomado dum não sei quê que encantava e prendia. E' que, nêsse conjunto de pobreza e simplicidade, sobressaía um porte de modéstia e candura majestosa que cativava os olhos e impelia o coração a investigar quem era aquela que, na sua passagem, deixava após si rasto tão luminoso.

Mas não caminhava ao acaso esta donzela. De vez em quando, erguia a cabeça, fixava a vista num ponto distante e no rosto lia-se-lhe um misto de dor e ansiedade. Depois continuava diligentemente a sua marcha. Quási sempre, ao chegar a uma encruzilhada, ficava perplexa: afrouxava o passo, erguia de novo os olhos e tomava o caminho que parecia conduzir mais de-pressa ao local desejado. Mas ei-la que entra na aldeia... e agora dir-se-ia que está perto do termo da sua viagem, pois vê-se que avança com decisão. Mais uma vez o olhar se ergue, paira a pouca distância ...e chega, emfim, ao limiar da porta de humilde igrejinha, cujo campanário se projectava no espaço, mostrando ao viandante que aquela era a morada do seu Deus e Senhor.

Ao transpôr a porta que dá ingresso ao singelo templo, percebe-se ainda uma certa ansiedade na sua atitude... o seu primeiro movimento foi volver os olhos para o altar e — oh, quadro pujante de íntima beleza! — a ansiedade dá lugar a uma expressão de indizível gôzo e a piedosa donzela, com o rosto em chama e o olhar vivo e penetrante prêso no sacrário, adianta-se e, a pequena distância, num gesto em que transparecia profundíssima humildade, prostra-se por terra. Imóvel, como que extática, permanece largo tempo recolhida, em convívio íntimo com o Deus do Tabernáculo. — Sim, essa jóvem era uma alma eucarística.

Passado largo tempo em oração fervorosa, aquela que mais se afigurava anjo do Céu que peregrina da terra, levanta-se e, lentamente, como que a custo, deixa o lugar santo onde Jesus, o Supremo e Eterno Rei, quís ficar por amor, afim de ser para os seus filhos, nas agruras do triste exílio que é o mundo, o confôrto, a consolação, o Pão Vivo com que lhes sacia a fome de felicidade.

*
* *

Declinava já o dia e os camponeses, concluída a labuta quotidiana, recolhiam às suas moradas. A jovem, modestamente, sem pretenções, aproxima-se duma pobre mulher que passava e, com ar humilde, interpela-a dêste modo:

— Diga-me, por favor, minha senhora,

nesta aldeia não poderei encontrar trabalho? A mulherzinha mediu-a de alto a baixo com o seu olhar penetrante e respondeu-lhe:

— Olhe, menina, esta aldeia é habitada por pobres e só há um senhor que tem criados ao seu serviço. Por agora creio que está servido; mas, como êsse senhor tinha tenção de despedir uma criada que lhe não estava a caír bem, vamos a ver se sempre se consegue o que deseja.

Já a caminho, a donzela deteve a boa camponesa para lhe observar: — Quanto ao trabalho, a todo êle me entrego. O que quero é que os senhores a quem servir me permitam cumprir os meus deveres de cristã.

— Sim, menina, esteja descansada, pois nessa casa só aceitam criados que sejam crentes como a senhora D. Aninhas e a menina Guidinha, filha única da casa.

A estas últimas palavras o ro to pálido da jóvem ruborizou-se um pouco. Pelo espírito perpassou-lhe rápida qualquer visão que logo disfarçou com um sorriso que traduzia tôda a sua gratidão por êste esclarecimento tão consolador.

— Mas, venha comigo — tornou a caridosa aldeã — Deus há-de permitir que tudo se arranje pelo melhor. E' nova e não convém que fique por aqui sem abrigo e sem protecção.

*
* *

A curta distância, existia uma vivenda que se destacava das que compunham a pequena aldeia pelo seu exterior luxuoso e pelo grande movimento que havia nas suas dependências. Era a habitação de Gonçalo Monteiro, que, alguns anos antes, se tinha nela instalado com a espôsa, D. Aninhas, e a filha única, Margarida, a quem todos tratavam por Guida ou Guidinha.

Católico fervoroso, Gonçalo havia tomado a peito tornar felizes os habitantes da aldeia menos bafejados pela fortuna e minorar a sorte dos mais oprimidos pelas misérias físicas e morais. A' sua porta o desventurado encontrava carinho, o abandonado abrigo, o faminto com que saciar a fome.

Foi, pois, a esta morada que a camponesa compassiva conduziu a donzela de que falamos.

Interrogada por D. Aninhas, que se surpreendia com as respostas da que desejava ser sua serva e que mostrava um fundo de tanta nobreza e elevação de sentimentos, foi aceite para o serviço da Casa Monteiro aquela que, daí em diante, com a máxima exactidão e esmêro, cumpria todos os seus deveres, procurando sempre passar despercebida e testemunhando a cada passo o seu reconhecimento pela grande caridade de haverem aceitado os seus serviços.

Mas o mistério envolvia aquela jóvem. A prespicaz Guida a cada hora segredava à mãi: — «Mamã, a Lena é um anjo, uma santa. Mas porque será que anda sempre — nem sei como dizer... — com um todo tão melancólico e triste? O seu olhar contempla não sei quê tão longínquo... que se torna inatingível nos seus pensamentos. Mas ela encanta-me, atrai-me; leva-me a ser boa, à sua imitação».

*
* *

A breve trecho, não é só a família Monteiro que aspira o aroma das virtudes de Lena de Jesus. Tôda a aldeia entretem nas suas conversas o mesmo assunto: quem seria a simpática rapariga que havia entrado ao serviço da menina Guidinha?

A' primeira impressão que induzira a suspeitar que havia grande mistério na sua vida, sucedeu um sentimento de admiração, o qual, por sua vez, deu lugar a um movimento de simpatia e estima por aquela que para todos os infelizes tinha mostras de compaixão, palavras de confôrto, e que a tôda a parte levava o bom odor duma alma abnegada que se fazia tudo para todos, segundo lhe permitia a sua condição.

*(Continua no próximo número)*

---

Jesus, sempre bom e misericordioso, reclama com a maior delicadeza tudo, absolutamente tudo, daquêles que se lhe consagram. E que inefável felicidade é dar-lhe tudo o que Êle tão carinhosamente pede! Que grande alegria para a minha alma privar-me dos gozos mais lícitos para, em holocausto contínuo, oferecer-me ao Senhor como vítima de expiação pelas faltas próprias e alheias! Nêste sentido, todos os sofrimentos se tornam leves e consoladores. Que os nossos corações sangrem, mas que Jesus vença, reine e impere, nas almas que nos são tão queridas!

*Irmã Maria Josefina de Freitas Tôrres Brandão.*

# TEATRO da JUVENTUDE

## Benjaminas em acção

**Original em 3 actos de M. de Freitas**

PERSONAGENS

| | | |
|---|---|---|
| ESTER | | 33 anos |
| JÚLIA, | sua cunhada | 22 » |
| LINA | suas filhas | 12 » |
| RITINHA | suas filhas | 10 » |

Zeladora de Benjaminas.
Benjaminas.

### ACTO II

*(Salinha de trabalho onde haja uma mesa com livros. Sôbre ela também, ou na parede, dois sacos ou malas de colegiais. Estampa ou imagem do Sagrado Coração de Jesus).*

### CENA I

*(Entram devagarinho as duas crianças preparadas para sair para a escola).*

LINA

Não está... Ainda não voltou da missa Pobre mãizinha!... Quando fui dar-lhe os bons dias, já tinha chorado com certeza.

RITINHA

Agora é sempre assim. É de dia e é de noite... Ela pensa que a *gente* não percebe.

LINA

E não podemos fazer nada?...

RITINHA

Há que tempo não escreve o paizinho?

LINA

Há mais de seis meses — desde os meus anos. Mas parece que não é só a falta de notícias que a faz chorar...

RITINHA

Então?...

LINA

É também por causa da tia Julinha... Eu bem sei. O pai tinha dito à mãizinha... eu bem ouvi... quando a avòzinha morreu, e êle foi para a A'frica. Tu eras muito pequenina. Disse assim: «Tens de ser a mãi dela. E uma mãi um bocadinho severa, porque está estragada com mimos». E estava bem estragada...

RITINHA

E já sem consêrto... Como a minha boneca... Tal e qual.

LINA

Coitada da mãizinha! Tem-se ralado com ela de todos os modos e feitios... Agora são os bailes que a não deixam parar...

RITINHA

E o cinema. A gente também gosta, mas... parece que assim muito... muito... faz mal aos olhos e à cabeça.

*(Ouve-se um toque de campainha).*

LINA

Aí vem a mãizinha! Toca para a escola, que são horas.

*(Vão buscar os sacos).*

## CENA II

(Entra a mãi com ar magoado; abraçam-se)

ESTER

A tia?

LINA

Ora!... Está ainda a dormir. Mas já veio um bilhetinho para ela de casa dos primos. E daqui a pouco começa o telefone... *trriim... trriim...*

ESTER

(um pouco repreensiva)

Lina!... Então!... Vamos!... Vamos!... São horas.

*(Repara em Ritinha que ficara de parte, pensativa. Com ansiedade:)*

ESTER

Que tens?... Não estás doente, não, meu amor?...

RITINHA

Não, não estou doente, mas estava triste... Agora já não estou. Oh, Lina! Nós não havemos de ser *Benjaminas* só de nome, pois não? E havemos de converter a tia. Vai ver, mãizinha... Há-de ficar mesmo uma santinha... E a mãizinha nunca mais há-de ralar-se por causa dela... Nem por causa do papá... Amanhã temos paquete e uma carta grande... muito grande... que nos console a tôdas. Até logo.

ESTER e LINA

Até logo.

*(Saem as crianças).*

## CENA III

(A mãi segue-as com o olhar)

ESTER

Queridas filhas!... Se o mundo, apesar dos meus esforços, mas estraga também... mas absorve... Se parentes e amigos — amigos?!... — se propõem levá-las pelo caminho do qual já não tenho fôrças para desviar a pobre Julita...

*(Levanta os olhos para a imagem do Sagrado Coração, juntando as mãos)* — Sagrado Coração de Jesus!... Eu tenho confiança em Vós!

# ACTO II

## CENA I

*(Reünião de Benjaminas. Sentadas em cadeiras baixas, trabalham em costura,* crochet, *malha. A Zeladora, com qualquer publicação da J. C. F. debaixo do braço, está de pé junto duma cujo trabalho de* crochet *toma.)*

ZELADORA

Ora repara! Deixa-se uma malha, mete-se a agulha, sem laçada, e tece-se. E é sempre assim. Não apertes o ponto. Estava muito largo, mas agora já vai ficando apertado de mais.

*(Entrega o* crochet, *dá alguns passos e examina outro trabalho, costura).*

ZELADORA

Ai que alinhavos!... Se o menino não fôr muito mansinho, rebenta a camisa à primeira vez que lha enfiem. (Risos.) Tem de ser desmanchado desde aqui.

*(Dá mais uns passos e pára junto de Ritinha).*

ZELADORA

E a nossa Ritinha que faz? *(Examina o trabalho.)* Hum... não tem adiantado muito... *(Levanta-lhe o rosto, pondo-lhe a mão sob o queixo.)* Está tristinha? Continuam sem notícias do pai?

RITINHA

O paizinho veio sem ser esperado, mas vem muito doente.

ZELADORA

(afagando-a)

Não te aflijas. Havemos de rezar muito por êle e Nosso Senhor há-de curá-lo. E agora vamos ao fim da nossa história — história verdadeira, não se esqueçam.

*(Senta-se à mesa, abre a revista ou jornal de modo que possa, sem que o público veja, ler um papel metido dentro).*

## CENA II

*(Junto à bôca da cena, ficando oculta pela guarnição lateral do palco que pode simular larga entrada para a sala, aparece Júlia vestida com extravagância e de rosto exageradamente rosado. Pára e fica ouvindo atentamente a leitura).*

ZELADORA

(lendo)

«Meu irmão continuava muito doente; passara o dia muito mal, mas na loja onde sou empregada tinham-me dado dois bilhetes para o cinema, e por nada dêste mundo eu quereria perdê-los. Minha mãi quís fazer-me

sentir a inconsciência se não a crueldade do meu procedimento, deixando-a e deixando meu irmão naquêle estado. Não a atendi, e com os olhos e o coração sêcos como a lenha no estio, saí de casa. Já tinha andado uns metros quando dei pela falta duma luva. Voltei e, usando da chave que sempre trago comigo, entrei em casa sem que ninguém desse por tal. Ao passar pelo quarto das minhas irmãzinhas, ouvi-as rezar. Não era nada de extraordinário, pois aproximava-se a sua hora de deitar, mas, não sei porquê, parei. Parei, escutei e espreitei pela porta entreaberta. Ao lado uma da outra, ajoelhadas entre as caminhas, levantavam as cabecitas para um crucifixo que a luz da lamparina mal deixava enxergar. Acabavam uma Ave-Maria e a mais velha, inclinando o rosto, pareceu-me que chorava. Então a mais novinha suplicou: — O' meu Jesus, nós somos Benjaminas e ninguém Vos ama como as Benjaminas. Estamos prontas — bem prontas, ouvís? — a fazer todos os sacrifícios pelas melhoras do mano que está tão doentinho e pela conversão da mana. Prometemos não brincar, não comer sôbremesa e rezar o têrço tôdas as noites, mesmo que estejamos a cair de sono. Meu Jesus, fazei que êles sejam vossos amiguinhos como nós somos... — Não quís ouvir mais... Não era preciso. Desde êsse momento, dediquei-me de todo o coração a minha mãi viúva e aos meus irmãozinhos. E sou Jòcista!»

*(Júlia que, à medida que ia ouvindo, encostara a cabeça à ombreira da porta, endireita-se, limpa os olhos e, como quem acaba de tomar uma resolução enérgica, monologa:)*

JÚLIA

Sim... Também eu quero ser Jòcista. Também quero fazer parte desta J. C. F. de que tanto me aborrecia ouvir falar.

*(A um sinal da Zeladora, as crianças levantam-se.)*

JÚLIA

Vou inscrever-me... E há-de ser já. *(Para o público, sorrindo):* afinal, não sou má de todo... Sempre se há-de aproveitar alguma coisa...

*(Dentro, as crianças entoam:)*

As Benjaminas,
mãos cristalinas,
vão trabalhar.
Na união
fôrça acharão
para lutar.

As Benjaminas,
frescas boninas,
vão perfumar
o lar, a escola,
com prece e esmola,
com seu cantar.

As Benjaminas,
tão pequeninas,
vão ajudar.
Se podem pouco,
será bem louco
não o aceitar.

As Benjaminas,
asas p'regrinas,
vão repousar.
Anjos sorrindo
têm, dormindo,
lindo sonhar...

## ACTO III

### CENA I

*(Sala do primeiro acto. Sentada à mesa, com a cabeça deitada sôbre as mãos, vestida com simplicidade, de avental, com um livro de piedade na frente, Júlia dorme. O candieiro está aceso, mas é já dia claro.)*

### CENA II

*(Entra Ester e olha-a com ternura.)*

ESTER

Querida irmãzita... Que modificação, Senhor! *(Pega no livro, abre-o e torna a pô-lo sôbre a mesa.)* Há quantos anos desprezado, trocado Deus sabe por que leituras! *(Afaga-a e chama-a.)* Julinha!

JÚLIA

(Acordando)

Como está êle?

ESTER

Melhor. Muito melhor! Uma noite esplêndida. E o doutor disse que tudo dependeria desta noite: a vida ou a morte. Louvado seja Deus!

*(Abraçam-se enternecidas.)*

ESTER

Mas eu tenho de ralhar, e ralhar muito. Tinha-te feito prometer que te deitavas — iria chamar-te, se fôsse preciso — e afinal... passares mais uma noite assim... e a trabalhares o dia inteiro... e...

JÚLIA

(atalhando)

E não estava habituada, não é isso o que quere dizer, manazinha? Não estava, mas quero habituar-me. O que eu não quero ser mais, é aquela cabecinha de alvéola, aquela Julinha tôla e inútil que vos deu tantos cuidados, tantos desgostos... *(Sorrindo.)* Quero rehabilitar-me — ouviu? — e não há o direito de contrariar a minha resolução...

*(Conclue na página 45)*

# Cartas à J. C. F.

*Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!*

*Caras raparigas:*

*Sendo STELLA filha da diocese de Leiria e pulsando em STELLA o coração que vos quere comunicar os seus sentimentos e desejos, como não começar por esta saüdação que, o ano passado, no dia da grande peregrinação diocesana, nos foi recomendada pelo nosso venerando Prelado que incitou todos os seus filhos a fazerem do seu uso o objecto duma promessa?!...*

*Era a saüdação dos nossos antepassados a que a geração modernista, a do progresso, votou implacável aversão, porque, odiando a Cristo, blasfema e não sabe louvar.*

*Mas a Acção Católica, que tudo quere restaurar em Cristo, principiou e prossegue a sua obra pelo louvor em nome daquêles que jamais querem elevar a sua alma a Deus para lhe render, pelos inúmeros benefícios que a tôda a hora lhes dispensa, homenagem de adoração e acção de graças.*

*Raparigas: repeti sempre bem alto com o coração, com a alma, com a própria vida, êste acto de fé, amor e louvor:*

*Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!*

---

*Antes de pegar na pena afim de vos dirigir algumas linhas, em cumprimento da promessa feita no primeiro número de STELLA, pedi ao* Pai das luzes *a sua divina claridade*

*Procurei pôr ante os olhos do espírito o* cenário da actualidade e, *em face dos* horrores da época, *sentí que do mais fundo da alma se me escapava êste brado aflitivo:*

Virgo puríssima, ora pro nobis!

*
* *

*Quero hoje, pois, falar-vos sôbre um assunto de excepcional importância. Sois raparigas na flor da idade, levadas na núvem côr de rosa das ilusões, e quantas vezes não reparais que a vossa existência decorre à beira do abismo, com a agravante de serdes a todo o instante solicitadas pelo tentador a beberdes o inebriante licor que vos oferece e que julgais matará a sêde de felicidade que vos devora! E não pensais que poderá ser fatal êsse sono em que, tão descansadas, vos deixais embalar...*

*Atendei um momento e ouvi esta frase escrita pelo apóstolo S. João numa das suas epístolas:*

*"Tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida".*

*Ora essa tríplice concupiscência tomou raízes na nossa alma e busca por tôda a parte seiva com que entreter e desenvolver a própria vida.*

*Juventude, idade de fogo, é o desejo do prazer que freqüentemente vos orienta e dirige. E, para escapardes à vergonha que muitas vezes ocasiona uma censura dos velhos, vós respondeis altivamente com algumas das fórmulas que a moda inventou e colocou no elegante vocabulário da vossa literatura, que não forma antes deprava: "Vivo a minha vida". – "Tenho direito ao amor... à felicidade". – "O meu coração é meu". – "Cada um a si se basta". – "Egoísmo sagrado".*

*E lá ides, guiadas pela "doida da casa" que se pode chamar, num sentido largo, a raínha... e directriz das jóvens do século XX", lá ides, donzelas, desprezando os prudentes, lançar-vos no vulcão dos desejos apaixonados e dos devaneios quiméricos que o teatro, o cinema, o romance – corrutores da sociedade moderna – vos fizeram conceber como realizáveis.*

*Sim, raparigas, podeis e deveis, sem dúvida, orientar a vossa vida. E quantas portas vos abre o mundo moderno... Mas não esqueçais que em todo o lugar que ocupardes não deveis seguir sòmente os impulsos do coração...*

*Sois jóvens... consultai os prudentes; sois cristãs... consultai a vossa consciência, ponde a vossa alma em prece, a suplicar as luzes de Deus.*

*A pretexto de procurar a ciência e a arte, não deixeis de proceder como entes superiores que sois, não deixeis arrastar a vossa alma pela corrente vertiginosa da vulgaridade. Pensai que, buscando na ciência só o prazer de saber, jamais satisfareis essa ânsia, essa profunda aspiração que lateja constantemente no mais íntimo do vosso ser: é bem pequeno êsse órgão que vos palpita no peito e no entanto êle é tão grande que só Deus é a plenitude que o pode encher.*

*E agora, raparigas, permiti que eu toque ao de leve numa virtude que se relaciona um pouco, embora indirectamente, com o que disse atrás, a*

qual Mons. Gay qualifica de austera, forte, máscula, ciosa, delicada, difícil, mas cheia de delícias no seu conjunto: a santa virtude da pureza.

*E' êste o mais belo ornamento do coração da jóvem e consenti que vos repita agora o que vós por certo já sabeis, mas que nunca deveis cansar-vos de ouvir e, sobretudo, de pôr em prática*: para mantermos a paz e a harmonia nêste corpo dividido e tempestuoso, precisamos de nos armar do gládio da mortificação cristã.

*Sermos puras sem mortificar a nossa carne, como é possível, existindo em nós as três fontes de pecado a que já fiz alusão?!...*

*Oh, quantas jóvens, cegas pelas seductoras aparências do lodo que se oculta sob brilhantes redomas de cristal, são arrastadas pelo borborinho ensurdecedor* daquêles que passam, *não podendo jamais escutar as harmonias divinas que, no fundo da consciência, são o eco pacífico do* integral *cumprimento do dever!*

*Abri os olhos e não deixeis que a vossa existência se passe – não digo enterrada no lodo – mas em perigo de ser por êle salpicada.*

*Olhai o vosso corpo como um escrínio que encerra, pela graça do Senhor, essa pérola preciosíssima, cujos fulgores arrebatam e extasiam o Rei dos Céus. Compreendei o seu valor, observai-lhe as exigências, rodeai-a de precauções!*

*A alma pura é o espêlho dourado onde Deus se compraz em refletir a sua Imagem. E como sereis então o polo de atracção, o foco luminoso a irradiar Deus sôbre as almas! Porque, mesmo para os que a não praticam, esta virtude é sempre objecto de admiração e êles veem cingida duma auréola que infunde respeito a fronte daquelas que a guardam ciosamente.*

*Orgulhai-vos, pois, santamente, raparigas, porque sois o pedaço mimoso do coração da Pátria. Sois quais liras místicas em que a graça divina desfere melodias de louvor à beleza, à bondade, ao amor do Omnipotente. E tudo isto, se souberdes manter a vossa alma revestida dessa estola cândida... a inocência baptismal conservada ou recuperada.*

*Diante de Deus e aos olhos dos homens será bela e encantadora a vossa falange, se procurardes ostentar sem mácula os arminhos da pureza. E o vosso apostolado será tanto mais fecundo quanto maior fôr o cuidado que empregardes em respeitar as divinas delicadezas da virtude angélica.*

M. TERESA

## Uma cozinha ambulante nas ruas de Macau

A falta de lenha que, em Macau, se vai notando cada vez mais, faz que se aproveitem como combustivel a palha, o colmo e as fôlhas. Os pobres, e até os remediados, vêem-se na necessidade de recorrer às cozinhas ambulantes, tão espalhadas por tôda a China, que lhes fornecem econòmicamente as suas frugais e estranhas refeições.

# O que se usa

Faça esta linda guarnição (gola e punhos) para usar com um vestido de veludo ou de qualquer tecido de lã.

Pelo desenho, e pela redução de moldes que apresentamos, o trabalho torna-se duma grande simplicidade.

Para um vestido azul escuro, será muito distinto se a fizer em feltro azul pastel com as flores em feltro branco e as contas, que seguram estas no centro, da côr do vestido.

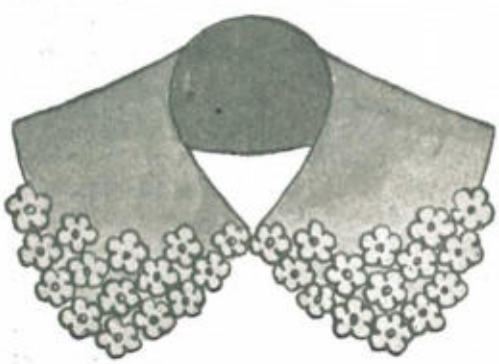
De feltro lilaz — dois tons — com as contas pretas, e sôbre um vestido preto, serve para aliviar luto e fica muito elegante.

Para um vestido castanho, em amarelo ou côr de laranja.

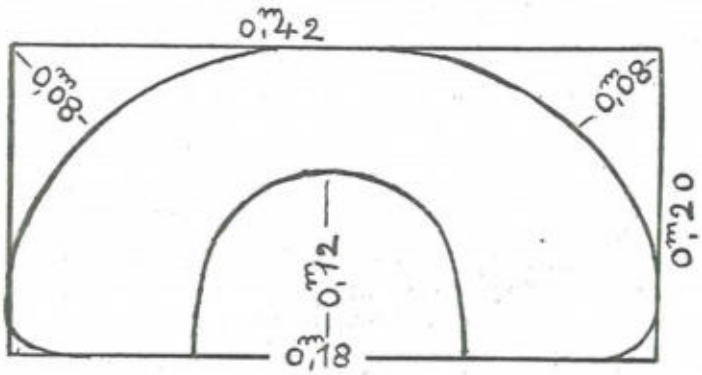
Com um casaco comprido, fica muito bem uma manta de veludo de côr viva, traçada na frente.

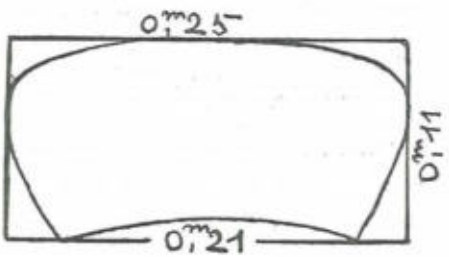
Enfeite, no chapéu, da mesma côr.

*De lã grossa, côr de avelã. Colete e chapéu (feltro) dum verde muito vivo.*



*Flor em tamanho natural*



# O Mistério da Visitação

Após a queda de nossos primeiros pais, Adão e Eva, no Paraíso terrestre, o Filho Unigénito do Altíssimo, misericordiosamente condoído da nossa sorte e impulsionado pelo seu amor para connosco, dignou-se vestir o pobre sendal da nossa natureza no seio imaculado de Maria, tornando-se homem para regenerar e salvar a humanidade.

E' êsse o objecto da nossa fé e a razão de ser da nossa esperança.

Quando a Virgem Santíssima, pela anunciação do Arcanjo S. Gabriel, viu realizar-se o adorável mistério da Incarnação, dirigiu-se a tôda a pressa para as montanhas, afim-de visitar sua prima Santa Isabel que, a-pesar da sua esterilidade e da sua velhice, havia já seis meses se tornara mãi daquêle que devia ser o Precursor de seu Filho.

Nesta visita, Maria propunha-se um fim de caridade e Deus propunha-se santificar por meio de Maria o filho de Isabel, do mesmo modo que, na sucessão dos séculos, havia de espalhar pelas mãos de Maria tôdas as graças e tôdas as bênçãos.

A propósito do mistério da Visitação, estudemos Maria Santíssima como o modêlo da alma cristã no seu reconhecimento para com Deus e nas suas relações com o mundo.

*
* *

A Incarnação do Verbo Divino, que se efectuou, há quási vinte séculos, na santa Casa de Nazaré, continuou, por assim dizer, até hoje e continuará, todos os dias, até ao fim dos tempos.

Efectivamente, Deus não quís unir-se apenas à natureza humana em geral, quís unir-se também a cada um de nós em particular; depois de se ter feito homem, faz-se pão, para entrar no peito de cada um dos homens e tornar-se seu alimento espiritual, o princípio da sua fôrça, da sua virtude e da sua dignidade.

Ora esta caridade imensa e êste dom magnífico exigem da nossa parte o maior e o mais vivo reconhecimento.

Os Santos estavam tão profundamente compenetrados da grandeza dos benefícios que Deus houve por bem dispensar-nos que não raro foram vistos, depois duma fervorosa meditação, sair como loucos das suas celas e dos seus conventos, prorrompendo em exprobações contra tantos ingratos que se esquecem do seu Criador.

Viu-se S. Francisco de Assís, o Pobrezinho, percorrer as ruas duma cidade da Úmbria, bradando: «O amor não é amado! O amor não é amado!» Ouviu-se um dia Santa Maria Madalena dei Pazzi exclamar: «Meu Deus! Porque é que a minha voz não tem mais fôrça e mais energia? Ah, não poder ela ressoar até aos confins da terra! Eu diria a todos êsses indiferentes que não pensam em vós, a todos êsses ingratos que esquecem os vossos benefícios, a todos êsses pecadores que vos ofendem: *«O' homens, amai o Senhor!»*

Maria Santíssima manifestou a sua gratidão para com Deus, cantando o seu sublime cântico *Magnificat*, cuja primeira estrofe é um grito de reconhecimento e de amor: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu coração exulta em Deus meu Salvador!»

E' êste o exemplo que devemos seguir. Quando consideramos tudo o que Deus fez pela humanidade em geral e por nós em particular, não há sentimento mais natural e mais necessário que o do reconhecimento.

A Criação que nos tirou do abismo do nada, a Redenção que nos levantou depois da queda original, o presépio de Belém onde o Imenso se mostra tenro menino, a oficina de Nazaré onde o Deus infinitamente rico se reduz à condição de operário que ganha o pão de cada dia com o suor do seu rosto, a cruz do Calvário onde o Deus dos Anjos e dos homens, o Eterno, se submete ao sofrimento e à morte, o tabernáculo inefável onde se conserva para as almas o pão dos fortes e o vinho que faz germinar as virgens e, sobretudo, a Santa Igreja, a Igreja imortal, que, saída do peito traspassado do Homem-Deus, vai, através do mundo, recolher tôdas as almas da boa vontade, iluminar tôdas as inteligências, purificar todos os corações, enobrecer e divinizar tôda a vida do homem sôbre a terra; oh, como tôdas estas cousas falam eloqüentemente! Como tôdas elas nos dizem: «Exaltemos o Senhor, porque se mostrou rico de ternura e de misericórdia!

Se dos benefícios de ordem geral descermos aos benefícios especiais que Deus

derramou sôbre cada um de nós, o nosso reconhecimento tornar-se-à ainda mais íntimo e mais profundo. Quantas graças recebidas! Não há quem não tenha razão para exclamar com o Salmista: «A minha alma bemdiga o Senhor e tôdas as minhas entranhas exaltem o seu santo Nome!»

*
* *

Maria Santíssima, na visita a sua prima Santa Isabel, ensina-nos a santificar uma das cousas mais ordinárias e, ao mesmo tempo, mais perigosas da nossa vida: as visitas.

A Virgem e sua santa Prima falam do que Deus operou nelas; não procuram senão amparar-se e fortificar-se mùtuamente no serviço do Senhor; não querem senão uma só cousa: ser fiéis ao amor do seu Deus e realizar a obra que Ele lhes confiou.

E nós, qual é o fim que nos propomos nas nossas visitas? Quantas vezes não é a vaidade, a curiosidade ou o espírito de murmuração que nos move? Não voltamos, por ventura, freqùentemente, das visitas que fazemos menos perfeitas, menos caritativas, porque não guardámos durante elas as regras da prudência, da modéstia e da caridade?

Pois bem! Em vez de irmos diminuir assim as nossas virtudes e os nossos méritos com visitas tão numerosas e desnecessárias, façamos todos os dias uma visita que aumentará e aperfeiçoará cada vez mais a vida nobre e cristã da nossa alma: a visita a Jesus no augustíssimo Sacramento do altar.

E' êste o amigo que é preciso visitar todos os dias. Ele é o melhor, o mais compassivo e o mais generoso dos amigos.

A nossa amizade sente três necessidades: queremos estar com aquêle que amamos, queremos sofrer por êle, queremos elevá-lo à nossa própria altura.

Foi o que fez Jesus. E, no santo altar, vindo às nossas almas, unindo-se a nós pela Sagrada Comunhão, comunica-nos todos os tesouros da sua ternura e do seu amor.

Nêle o coração humano encontrará o que debalde procura nas criaturas: bondade sempre acolhedora, protecção sempre eficaz, compaixão sempre terna, afeição sempre sincera.

Quando o coração humano busca apoio nas criaturas, não depára senão desgôsto e tédio, não é senão fraqueza e impotência.

Mas, logo que recorra a Jesus Cristo, logo que chame o Senhor em seu auxílio, todos os obstáculos desaparecem, tudo se torna fácil e suave.

Quantas vezes vamos ajoelhar ao pé dos altares, com a alma abatida e triste, e nos erguemos com ela cheia de esperança ou, pelo menos, santamente resignada à vontade de Deus!

Diz S. João, no seu Evangelho, que Jesus veio ao meio dos seus e os seus não o receberam. Que desordem e que desgraça!

Tudo é de Jesus Cristo, tudo lhe pertence, e os seus, isto é, a obra das suas mãos, as suas criaturas, os que Ele resgatou com o seu sangue e a sua morte ignominiosa de cruz, não o quiseram reconhecer como seu Deus, seu Senhor e Salvador: preferiram o êrro, o vício, o pecado.

Ao menos nós que sômos dêle e que queremos pertencer-lhe sempre, recebamo-lo no nosso coração, dando-lhe dignas e fervorosas acções de graças por tudo quanto fez por nós e, já que se constituiu prisioneiro do Sacrário por nosso amor, visitemo-lo amiúde na sua solidão e no seu isolamento.

Recebê-lo sob as aparências de pão na Sagrada Comunhão é pôr na alma o sêlo da pureza e da virtude; visitá-lo e consolá-lo é preparar para nós no Céu consolações inefáveis e eternas.

MIRA CETI.

---

*(Continuado da pág. 40)*

ESTER

Pois para começar a sua rehabilitação, vai obedecer-me: deitar-se e dormir até ao almôço!

JÚLIA

Sim! E quem há-de fazer o almôço?

## CENA III

*(Entram Lina e Ritinha, de roupão e chinelas, cabelos desgrenhados.)*

LINA e RITINHA

Nós, mãizinha! Deixe-nos fazer o almôço, sim?...

*(Abraçam-se tôdas. Ritinha dá uns passos e, voltada para o público:)*

RITINHA

Eu cá já sei fazer *omelette*. É assim: batem-se os ovos muito bem batidinhos *(gesto)*, deitam-se na frigideira, dobra dum lado... dobra do outro... *(gestos)* e pronto! *(Levantando o indicador:)* Mas é preciso não esquècer o sal!...

# RIDENDO...

### Bom Reclamo

O frèguês:

– Porque é que trabalha com luvas de borracha?

O cabeleireiro:

– Porque não quero ver nas mãos o resultado do meu prodigioso tónico capilar...

### Á sorte

Entre estudantes:

– E esta tarde... que fazemos?

– É fácil... atira-se a moeda ao ar. "Cara ou coroa.: cinema ou passeio.

– Óptimo. E, se a moeda ficar de pé, estudamos.

### Nostalgia da selva

A senhora, ajustando uma criada de côr:

– Gosta de crianças?

A criada, pensativa:

– Ora se gostar... Mas *mim* não ter êsse petisco há muitos anos...

### Cheque... mate

– E o xadrez... aprecia?

– Homem... não me fale nisso! Lá em casa há dias em que parece que se não faz outra coisa senão êsse jôgo. É ouvir minha mulher: "cheque... cheque... cheque...

### No relojoeiro da "cedade.

O *ti* João das Berças sacode finalmente o pasmo que lhe causou o relógio de cuco:

Êste é que a malta lá da tèrrinha *havera* de gostar... mas, assim *cumássim*, bicos a sustentar já eu tenho muitos lá em casa.

### Economia

– Pobre senhora! Parece sempre cansada com o pêso das joias. Naturalmente o marido é ourives e faz os seus reclamos da maneira mais económica.

### Prova real

A espôsa, risonha e com ar triunfante, abre a grafonola:

– Temos um disco novo e vais dar-me a tua opinião sôbre êle.

– ...Que vem a ser isso? Uma serra a trabalhar?

– Não, senhor...

– Um trombone desafinado?

– Nada disso.

– Um porco a grunhir?

– *Frio... Frio...*

– Então?...

– Simplesmente uma gravação feita um dêstes dias, emquanto dormias... É para saberes se ressonas ou não...

### Réu à sôlta

– Sim... Conheço mesmo um caso em que o abuso do piano produziu a loucura.

– Horrível! E internaram o desgraçado pianista?

– Não!... Internaram os desgraçados que êle tinha enlouquecido.

### Um perigo

– Paizinho... A mãi mandou-me saber do avô... e eu venho pedir-lhe dinheiro..

– Dinheiro?... E para quê?

– É que... na estrada... posso encontrar algum salteador que me peça a *bôlsa ou a vida*... e eu não tenho senão a vida para lhe dar.

### Soluções do n.º 1

*Palavras em trângulo:*

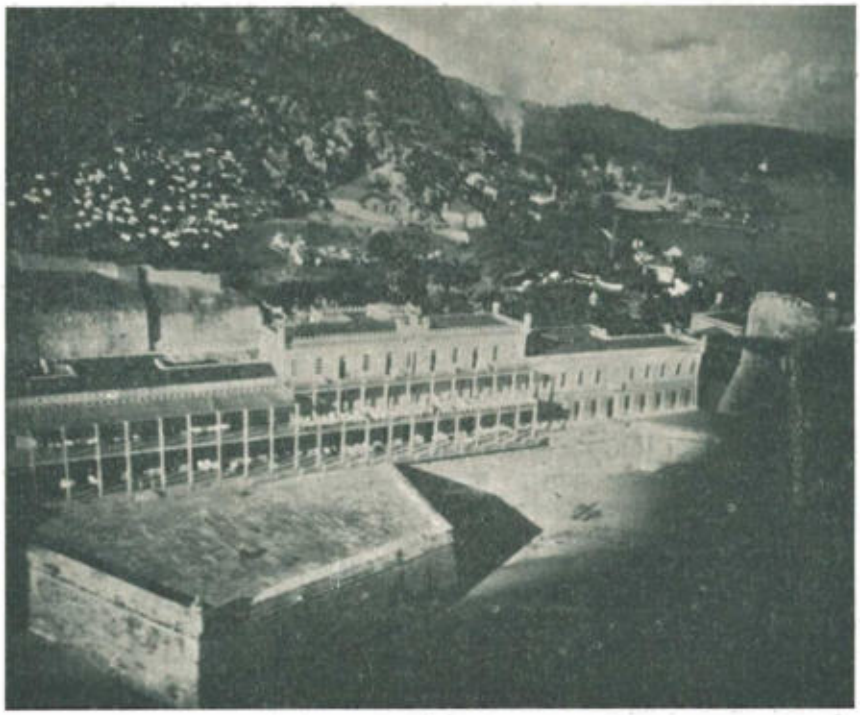
F Á T I M A
A R A R A
T A R A
I R A
M Á
A

*Adivinhas:*

N.º 1 – Vinho e vinagre.
N.º 2 – Vírgula.
N.º 3 – Abelha.

## Sanatório Marítimo de Outão

**Visto do avião do Aviso "Afonso de Albuquerque„**



*Fotografia enviada pela nossa prezada colaboradora* **Roseirita,** *que se encontra em tratamento naquêle Sanatório e a quem foi oferecida pelo primeiro comandante do «Afonso de Albuquerque», sr. capitão de mar e guerra Almeida Henriques, actual sub-chefe do Estado Maior Naval.*

Stella *agradece penhorada a «Roseirita», fazendo votos pelas suas melhoras.*

# TELAS PORTUGUESAS

II

— Então em que pensas?

— Não estão satisfeitas as tuas ambições nacionalistas e Cristãs?

Ah! Já sei!—Receias não encontrar outro vulto digno da figura do teu primeiro esbôço...

— Quanto a isso... não receies!

Pode faltar-nos aquela mínima inspiração para dar relêvo ao motivo a delinear. Quanto ao assunto, li algures uma apreciação que te deve sossegar.

«Tôdas as grandezas da História Humana têm um representante na vida de Portugal».

Eu abalanço-me a acrescentar: — E, até, as da História Divina.

Vejamos a seguir o confronto:

— Maior que Cid é Nun'Alvares Pereira. — Como Alexandre ou Cézar temos Afonso de Albuquerque. — Superior a Carlos Magno em virtude e heroísmo, aparece D. João de Castro.

— Afonso Henriques é maior que Clóvis.

— D. João II é superior a Luís XI.

— Vasco da Gama, Alvares Cabral e Bartolomeu, valem mais que os João Bart, os Dórias e os Duguaz-Trouin de tôdas as nacionalidades.

— A Obra de Duarte Pacheco e Francisco de Almeida, vê-se continuada em Mousinho e Alves Roçadas.

— Camões iguala Vergílio ou Homero. E, até na política, João das Regras e Castelo Melhor ultrapassam Richelieu ou Mazzarino.

Mas — vejamos ainda. — A França tem só uma Joana d'Arc, e nós temos desde a «Santa de Alvalade» às Deu-la-deu e Izabel Fernandes.

— E, quando a tua alma esteja saciada das glórias terrenas ao serviço da Pátria, pede as asas de Coutinho ou Cabral que na Cruz de Cristo te levarão — por caridade — até S. João de Deus, Santo António de Lisboa ou às missões de S. Francisco Xavier. — E, então, elevada ao Céu, — vendo o mundo num braseiro, — compreenderás que *nesta hora também* a Providência não faltou à privilegiada terra Portuguesa.

*C. B. Lôpo de Miranda.*

## COMO ALIMENTAR OS NOSSOS CONVALESCENTES

*Depois duma longa doença, em geral, falta o apetite e o paladar mostra-se caprichoso. A preparação de pratos variados e de aspecto agradável e imprevisto auxilia poderosamente nêsse período que tanto preocupa por vezes médicos e enfermeiras. E' indispensável, porém, atender cuidadosamente à selecção dos alimentos e à quantidade.*

*Os ovos e o leite, que nuns casos têm de ser empregados com parcimónia e noutros com diligência, procurando vencer a repugnância do convalescente, prestam-se a uma infinidade de pratos, cremes e pudins. Contudo, crús ou quentes são mais fàcilmente assimiláveis. A carne de pato ou de ganso, pelo seu gôsto muito activo, não convém, mas a de perú é excelente. Os caldos de carne de vaca são aconselháveis mais como estimulante que como alimento. Manteiga fresca, espinafres, espargos e couve-flor constituem excelente recurso, bem como tôda a espécie de fruta cozida ou de compota. Como bebida nada substitue uma boa laranjada ou limonada.*

### Pudim de café

Deita-se em meio litro de café meio quilo de açúcar, canela e uma colher de sôbremesa de manteiga; põe-se tudo ao lume; em estando um pouco gancho, misturam-se-lhe 12 gêmas de ovos e quatro inteiros. Em seguida unta-se a fôrma com manteiga e deita-se tudo dentro, indo a cozer ao fôrno.

### Nabada

Cortam-se às rodas as cabeças dos nabos, cozem-se em água e sal, de forma que fiquem inteiras, e deitam-se em água fria onde se conservam quatro dias, renovando-se a água de manhã e à noite. Escorrem-se numa peneira e, para cada quilograma de nabo, pesam-se 1.250 gramas de açúcar e 250 gramas de amêndoa pisada. Reduz-se o nabo a uma massa que se deita no açúcar, quando êste estiver em ponto de cabelo. Deixa-se ferver, mexendo sempre, até enxugar, deita-se-lhe então a amêndoa e de novo se faz secar até à consistência desejada.

### Croquetes de batata

Batatas cozidas. Picado feito como para pasteis. Amassam-se as batatas com sal, manteiga e gêmas. Tira-se a massa aos bocados, mete-se-lhe dentro o picado e dá-se-lhe a forma que se quiser, de bola ou de pera. Colocam-se num taboleiro de ir ao forno, untam-se com gêmas por cima e deixam-se alourar.

### Língua à marinheira

Coze-se, tira-se-lhe a pele, corta-se em talhadas, côa-se o caldo em que se cozer, desengordura-se e lança-se tudo numa caçarola com dois copos de vinho tinto, cebolinhas fritas em manteiga fresca e misturada com farinha. Reduzido o môlho, deita-se sôbre triângulos de pão frito e serve-se.

### Pão macio

Para que o pão se conserve macio (ou quaisquer bôlos) basta meter um bocado de maçã na gaveta ou caixa onde se guarda.

### Batatas cozidas à pressa

Basta que haja o cuidado de não lhes deitar o sal senão quando se encontram já meio cozidas.

### Betume chinês para consêrto de faianças e cristais

Ferve-se em água um bocado de vidro branco e, nessa temperatura, mergulha-se sùbitamente em água fria, o que o torna friável, isto é, fácil de fragmentar. Pise-se, passe-se por uma peneira muito fina e misture-se com clara de ôvo. Amasse-se esta mistura sôbre um mármore, de forma que fique bem consistente.

# FÁTIMA E O MILAGRE

O Santuário de Nossa Senhora de Fátima é, em tôda a vasta extensão dos domínios de Portugal, o logar sagrado aonde acorre maior número de fieis, levados pelos impulsos da sua crença e da sua devoção à Mãi de Deus e atraídos pelo prestígio sobrenatural daquela estância de graças e de milagres.

Cada ano que passa, milhares de peregrinos e centenas de doentes vão visitar a nova Lourdes, a Lourdes portuguesa.

Numerosas curas extraordinárias, reconhecidas por médicos competentes e insuspeitos, dão testemunho do poder e da bondade da Virgem Santíssima que se manifestam de modo assombroso no recinto abençoado onde ela, há vinte anos, quís aparecer seis vezes a três inocentes crianças e, desde então, se digna distribuir profusamente os seus dons por todos os que a ela recorrem.

Contudo, nem todos os doentes que vão a Fátima voltam de lá curados.

E' que o milagre é um facto excepcional e insólito que depende absolutamente da vontade omnipotente e livre de Deus.

Por isso, os milagres não podem deixar de ser raros, tanto em Fátima, como em Lourdes, como em qualquer outra parte.

Mas, em Fátima, como em Lourdes, se não se curam todos os doentes, curam-se doenças de tôda a espécie, sem excluir o cancro e a tuberculose.

Pretender que o milagre não constituisse uma excepção seria o mesmo que pretender que o milagre não fôsse... milagre.

O milagre é, por definição, um facto insólito, isto é, um efeito produzido à margem das vias ordinárias da natureza, apenas pela omnipotência divina.

Já não seria assim, se, em Fátima, todos os doentes recuperassem a saúde.

Sendo um facto insólito, o milagre pode realizar-se com freqüência, mas aparece sempre como colocado fora do curso ordinário dos acontecimentos.

E é, exactamente, por causa dessa sua característica que, uma vez devidamente verificado, excita, no mais alto grau, a admiração, o assombro e, por fim, a reflexão das pessoas que dêle são testemunhas, e conduz, naturalmente, a sua alma a Deus.

Para compreender melhor esta doutrina, convém reproduzir aqui um trecho sugestivo e altamente interessante do grande Doutor da Igreja Santo Agostinho, extraído do seu «Tratado sôbre o Evangelho de S. João», a propósito do milagre evangélico da multiplicação dos pães.

Diz o ilustre Bispo de Hipona: «As maravilhas que Deus opera no govêrno do mundo tornam-se, pela sua repetição contínua, cousas tão comuns que já ninguém lhes presta atenção. O que êle realiza de admirável, de verdadeiramente assombroso, num só grão de trigo lançado à terra, passa de todo despercebido. Por isso, na sua misericórdia, reservou-se a faculdade de efectuar, em tempo oportuno, certas obras que estejam fora do curso habitual e da ordem natural das cousas, para que, vendo essas obras, insólitas sim, mas não maiores que as outras, os homens, a quem as maravilhas de cada dia já não impressionam, sejam tomados de admiração. Não é mais admirável governar o universo do que alimentar cinco mil pessoas com cinco pães? Todavia, a primeira dessas maravilhas não encontra ninguém que a admire, ao passo que a segunda produz grande admiração, por que é mais rara e insólita!»

Portanto, no plano da Providência, o milagre é um acontecimento que tem por fim despertar a atenção dos homens e recordar-lhes o pensamento de Deus e, por conseguinte, raro ou de freqüência limitada.

A Sagrada Escritura dá-lhe o nome expressivo de sinal.

O milagre é, efectivamente, o sinal visível, palpável, evidente, do poder divino. E' o sêlo inimitável da sua intervenção, porque só Deus pode fazer milagres.

Tratando-se de curas miraculosas, só Deus pode comunicar aos corpos vivos êsse acréscimo de actividade fisiológica que repara num momento as desordens causadas pela doença. Só o Criador pode deter a evolução do cancro ou da tuberculose e curar de repente tecidos e órgãos devastados pelo mal. Só o Autor da vida pode aumentar até êsse ponto a energia vital dum enfêrmo e fazer passar sem transição da agonia ao estado de saúde perfeita. E' o que Êle faz em Fátima, quando Maria Santíssima, a augusta Virgem do Rosário, une às nossas orações as suas súplicas de Mãi e de Raínha!

E não se julgue que os doentes que não

# ATENDE UM MOMENTO...

II

O' alma querida que passas estonteada no torvelinho da vida, atende um momento... Deprende os teus olhos da terra e ergue-os ao Céu. Não vês o fulgor daquela estrelinha cintilante? Olha que foi para ti que o Senhor a acendeu no Firmamento e a faz brilhar assim...

Prende nela o teu olhar, porque é para ti que ela brilha, ó alma querida do Senhor! Detém-te na tua carreira, na louca vorágem que te arrasta, porque a ela te abandonas em busca da felicidade — ideal que não podes encontrar na Terra onde o teu pensamento mergulha...

Não te abandones à descida vertiginosa e fácil, como o náufrago que é batido pelas ondas e tragado pelas fauces hiantes do abismo, que o teu destino não é êsse para onde vais iludida.

O teu destino é mais alto e o teu farol está no Céu...

Não te abandones — oh, não! — alma querida do Senhor, à corrente que arrasta para dar a morte... Sobretudo não desanimes ao ouvires o bramido do mar tempestuoso da vida; Jesus, o doce Jesus, vela por ti, cheio de amor, com extremos e desvelos de Pai; como outrora, Êle caminha sôbre as ondas, estende-te os braços, vem ao teu encontro, oferece-te a Sua mão poderosa e salvadora, como a Pedro, o discípulo eleito, a pedra primeira da Sua Igreja, no momento em que fraquejou por desprender os olhos do Mestre.

Escuta bem, alma querida: emquanto confiares, não sossobrarás! Se puseres os olhos no Céu e seguires a tua estrêla, abandonando-te nas mãos de Deus, tudo te será fácil e suave; as ondas revôltas rugirão sob os teus pés sem que as águas se abram sôbre o abismo...

A estrêla do Natal foi guiando os Reis Magos até ao humilde Presépio onde o Rei do Céu e da Terra os esperava, sorrindo nos braços de Sua Mãi Santíssima. Assim a estrêla cintilante que para ti brilha no Céu há-de *sempre* guiar-te até junto do Espôso celeste, até aos Páramos Eternos, até à visão beatífica d'Aquêle que é o Princípio e o Fim, a Luz e o Bem, d'Aquêle que suspira por ti e te remiu para Si e, sendo a Verdade, o Caminho e a Vida, é também o Amor incriado e a Si quere atrair tôdas as almas de boa vontade como a tua, para que em tudo Deus seja glorificado: *«ut in omnibus glorificetur Deus! U. I. O. G. D.*

*A. A. de Sousa Alves.*

---

são curados em Fátima sofrem dolorosa decepção e regressam a suas casas tristes e abatidos, com o mesmo sofrimento físico e moral. Êsses doentes ficam todos muito satisfeitos e muito consolados de terem ido a Fátima, cidade santa da Virgem que, a-pesar-de tudo, tocou com o seu braço materno a alma e o moral dêsses seus pobres filhos.

Êles, ali, conheceram, como nunca, o valor sobrenatural do sofrimento, aceite com resignação e por amor.

Êles, ali, verificaram que o sacrifício enobrece, expia e santifica, tornando-se fonte inexhaurível de méritos.

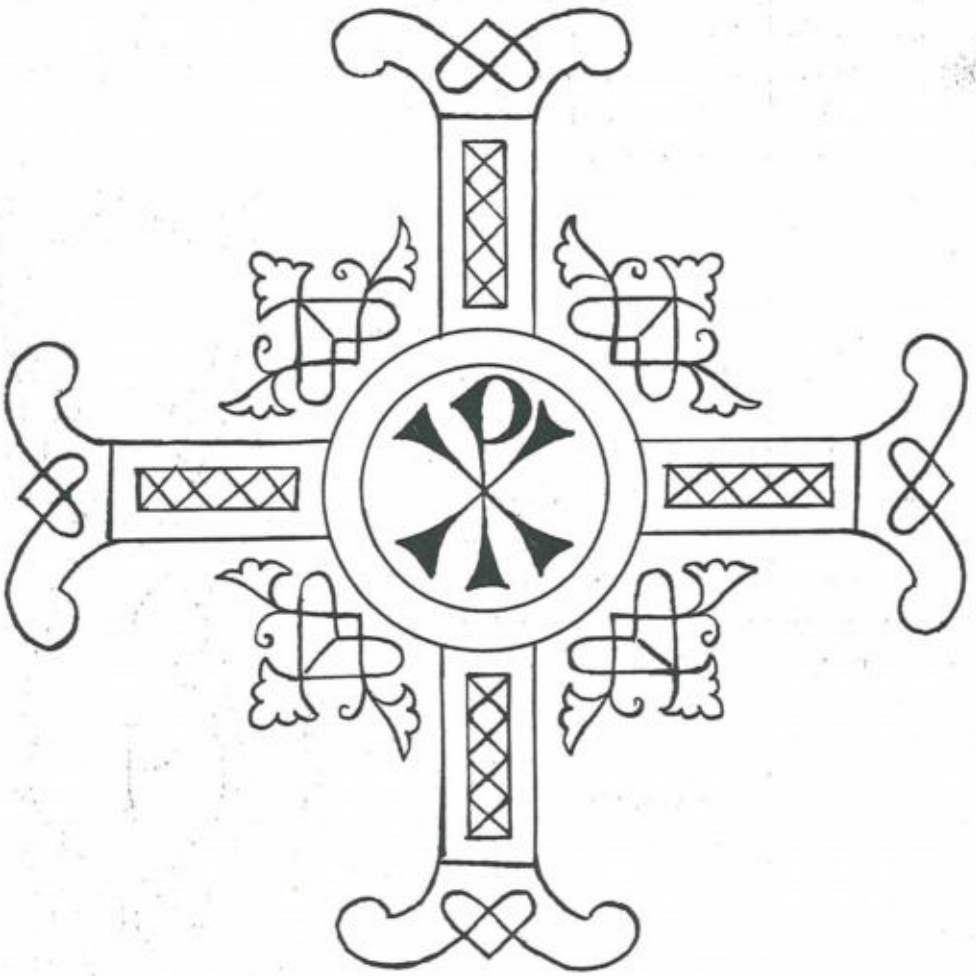
Êles ouviram e compreenderam, como feita a si próprios, a promessa de Nossa Senhora aos três humildes pastorinhos de Aljustrel: «Vós haveis de ir para o Céu!»

Êles sabem que, embora não possam ser perfeitamente felizes sôbre a terra, o serão na eternidade, se, abraçando amorosamente a cruz que o Senhor, nos seus adoráveis desígnios, lhes envia, procurarem santificar-se segundo o seu estado e morrerem na graça de Deus.

E, por isso, ao ouvirem pronunciar o nome dulcíssimo e bemdito de Fátima, o seu coração dilata-se e palpita da mais santa alegria e nos seus olhos, habitualmente velados, brilha uma luz tôda celestial...

MIRA CETI.

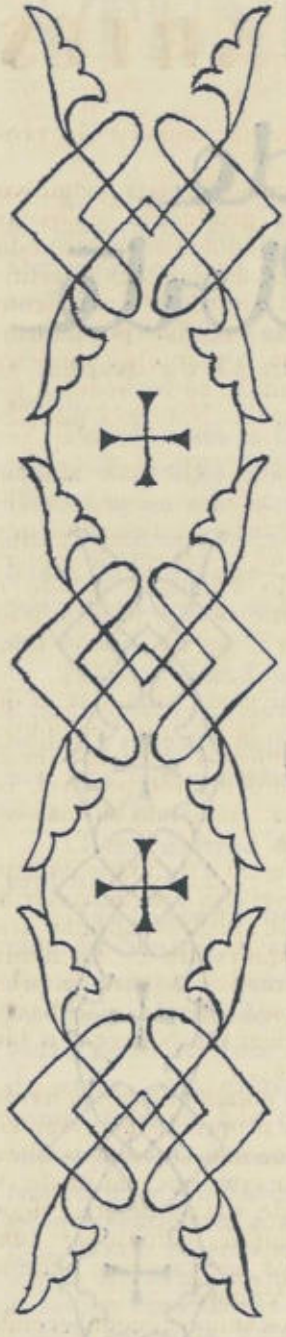
# Um pouco de Arte



Ocupando-nos hoje de arte litúrgica, temos o gôsto de proporcionar às nossas leitoras elementos para a decoração dum jôgo de altar, graciosamente oferecidos à «Stella» pelo mosteiro Beneditino (Abbaye des S. S. Jean et Scholastique) de Maredret, Bélgica.

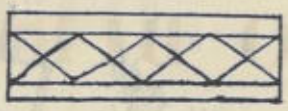
O bordado a branco tem o inconveniente de não ser visível senão de muito perto, isto é, pelo sacerdote sòmente. Se decoramos

purificatoire



os adereços dos nossos altares, para que a beleza litúrgica tenha nêles também, para maior glória do Senhor, a sua plena realização, convém que todo o ornato seja visível. Eis porque o emprêgo das rendas é tão apreciado e o bordado aberto preferível ao bordado a cheio.

Executemos, pois, a côres os lindos modelos apresentados e, ainda que tôdas sejam admitidas, *excepto o preto*, escolhamos as côres litúrgicas azul e vermelho que, bem equilibradas e distribuïdas, produzem excelente efeito.



Compõe-se o chamado jôgo de altar de seis peças: amicto, corporal, manustérgio, pala, purificador e sanguinho, podendo, todavia, ser decorada no mesmo estílo a toalha da comunhão e até a toalha do altar. Aproveitaremos para esta a guarnição mais larga, aplicando-lhe na parte inferior a guarnição do manustérgio.

# O BERÇO DAS BELAS-ARTES

O sentimento da Arte deve ter residido, inato, na alma do primeiro homem. Mas as suas primeiras manifestações perderam-se na imensidade dos tempos, envoltas no véu impenetrável que rodeia de mistério a vida dos remotos descendentes de Adão e Eva.

Passaram longos séculos desde que o homem primitivo, obra prima saída das mãos omnipotentes do Criador, olhando em redor, maravilhado com o espectáculo incomparável da Natureza, sentiu despertar em si o desejo de a imitar.

Mas, como havia êle de representar o espaço indefinido? Como havia de traduzir a amplidão do Firmamento semeado de miríades de estrêlas, tôda a paisagem luxuriante que o rodeava, as vertentes escarpadas das montanhas, a extensão do mar beijando a rocha ou mordendo-a raivoso, as vagas encapeladas, as avezitas que o encantavam com os seus gorgeios e as suas côres, as águas sussurrantes dos regatos correndo de mansinho, as grutas, as serranias ondulantes, o horizonte ilimitado, a côr ígnea do pôr do sol, o entardecer melancólico das Trindades?

.....

Decorreram os tempos, sucederam-se as gerações. Depois de ter compreendido que, para representar tôdas essas maravilhas, teria de as tornar proporcionais a si mesmo, de abstracção em abstracção, êle foi obtendo o ponto, a linha e a superfície colocados no espaço.

Como a medição do tempo lhe deu a Numeração, assim a medição do espaço lhe deu a Geometria.

A origem do Desenho perde-se na noite das idades. Conhecem-se desenhos notáveis (renas e mamutes) executados por tríbus paleolíticas sôbre bocados de osso e de marfim, nas paredes das cavernas de Périgord e nas grutas de Altamira. No museu de S. Germain encontra-se uma lâmina de marfim tirada da defesa dum elefante monstruoso, cuja espécie se extinguiu há centenas de milhares de anos; sôbre ela encontra-se gravada com a ponta dum objecto cortante a forma do animal a quem o dente pertenceu.

Devem certamente ter rolado séculos sôbre séculos antes que a mão relativamente adestrada do homem pudesse ter utilizado nêsse trabalho a ponta aguçada dum silex. E, contudo, êle estava ainda longe de se dar por satisfeito; como reproduzir os mais impressionantes aspectos que o Universo oferecia ao seu olhar deslumbrado? Era preciso "desenhar no espaço„ manejando a argila, trabalhando o granito; – eis como, após os dolmans e as antas que construiu para se abrigar, surgiu a *Arquitectura*, logo de começo de proporções gigantescas.

Diz Charles Blanc que o artista primitivo "procurou„, com as suas produções colossais "imitar o sublime das altas montanhas construindo as Pirâmides e dando a essas montanhas artificiais uma figura simbólica; traduziu o Firmamento pelos tectos estrelados e as cavernas por labirintos subterrâneos; recordou o mar e as planícies por grandes linhas horizontais, os rochedos a pique por tôrres, as florestas da Natureza por florestas de colunas„.

Mas não ficou por aqui: êle quís também animar com o sentimento as suas admiráveis invenções; não tinha ainda outros instrumentos que não fôssem a matéria prima, o escopro e o martelo; mas, tendo admirado e imitado quanto o cercava, êle procurou imitar-se a si próprio e os outros seres de modo mais completo. Estava criada a *Escultura*.

A evolução desta foi mais lenta que a do Desenho; só muito mais tarde, por contínuas tentativas e aperfeiçoamentos sucessivos, conseguiu trasladar, tanto quanto lhe foi possível, os seus próprios pensamentos, animando as suas estátuas com a vida interior.

Mas a ambição do homem é de todos os tempos; ela é sempre insaciável nas suas descobertas e invenções, na sua ânsia de atingir a suprema perfeição que é Deus! A Arquitectura e a Escultura não bastavam para bem traduzir as suas próprias emoções, a sua própria vida interior; não bastavam, sobretudo, para rodear da Natureza o homem que a sua arte criara...

Já o caçador de renas notara que certas terras, o ocre sobretudo, tinham propriedades corantes; mas o homem prè-histórico não conseguira ultrapassar a arte maravilhosa com que, na idade da rena, gravara – à ponta de sílex – os seus desenhos, como não fôra além de colorações símbólicas nas paredes e tectos das cavernas onde se abrigava, sobretudo no Périgord.

Só com a evolução dos tempos, reconhecendo cada vez melhor que a forma não era bastante para que os seres organizados se distinguissem uns dos outros, êle recorreu aos elementos indispensáveis que a sua imaginação fecunda foi inventando e criou emfim a Pintura, procurando pela côr, pela diversidade de tons, pelos efeitos de luz, integrar as criações do seu espírito na sua própria emotividade para lhe alcançar uma realidade maior.

E agora, que o espírito humano tem à sua disposição a Arquitectura, a Escultura e a Pintu-

ra, que é que pretende? Que mais quere êle, agora qué as Belas Artes evolucionaram no decurso de tantos séculos que até nós se têm desenrolado, através das mais belas civilizações, entre as quais a civilização greco-romana?

Ah! Agora, mais do que nunca, o espírito humano anseia pela perfeição! Agora, mais do que nunca, reconhece a impotência da sua imaginação, a insuficiência do escopro e do martelo, do cinzel e da matéria prima, das tintas e do pincel!

Êle criou ainda a *Música* e com ela quere imitar o murmúrio das águas, o sussurro dos bosques ou o rugido das torrentes, o toque das Ave-Marias ou a toada melancólica das Trindades, tôda a gama, emfim, do sentimento humano.

Mas quão longe está ainda de atingir a realidade!

E que arquitecto poderá imitar perfeitamente as montanhas colossais, as cumiadas e encostas das colinas e serranias, o cume do Tabor onde Jesus, transfigurado, se mostrou aos Seus discípulos, ou o alto do Gólgota onde uma coroa de glória substituiu a Sua coroa de espinhos ou o cimo do Olivête donde voou para a dextra do Pai, deixando na Terra um foco de luz que iluminou o mundo inteiro?

Que escultor será capaz de imitar com perfeição os milhares de seres organizados que povoam o Universo e, sobretudo, o ser humano — maravilha última da Criação saída das mãos do Omnipotente?

Que pintor poderá surgir e que tintas poderá êle usar para reproduzir com realidade as florestas, os vales verdejantes, os lindos tapêtes de relva matizada de inúmeras florinhas de tanto viço e frescor, os longos tapêtes de neve, as extensas geleiras que assombram pela sublimidade, os rochedos nús de formas caprichosas donde brotam os rios que descem lentamente pelos vales, rugem pelos fraguedos, espumam no seu leito de rochas, passam por gargantas apertadas, entram tumultuosos e turvos na placidez dos lagos ou nêles entram tranquílos, azuis e cristalinos, brilhantes como safiras, beijam, cheios de majestosa imponência, castelos medievais ou correm de mansinho por mimosos vergeis?

Como pintar a pureza e frescura do ar, a suavidade da brisa, a luminosa transparência dum céu sem nuvens e resplandecente com a luz viva dos astros, os primeiros sorrisos da aurora, as tardes serenas ou o crepúsculo vespertino?

Ah! Só em Deus reside o termo de tôdas as ambições humanas! A origem das Belas Artes perde-se nas trevas do passado; mas o seu berço encontra-se no Criador Omnipotente, como nêle está o princípio e o fim, o alfa e o ómega de tôdas as nossas aspirações.

Desde tôda a eternidade tiveram as Belas Artes existência na ideia criadora de Deus. É Êle o Artífice divino, o Arquitecto inimitável que deu à Natureza a sua Majestade sublime; é Êle o Pintor incomparável que a ambição humana jamais conseguirá igualar; é Êle ainda o Supremo Escultor cujas mãos omnipotentes, ao revolverem e trabalharem o frágil barro, modelaram o ser humano — a obra prima mais completa de todo o mundo visível!

A. A. DE SOUSA ALVES.

## Congresso Mariano Nacional Francês

Do dia 20 ao dia 24 de Julho do corrente ano, realiza-se em Boulogne-sur-Mer, na diocese de Arras, o 4.º Congresso Mariano Nacional Francês.

A Comissão organisadora do Congresso, na sua última reünião, traçou as linhas principais do plano geral.

Por ocasião do Congresso, cuja data coincide com o 3.º centenário do «Voto de Luís XIII», renovar-se-á a consagração da França a Nossa Senhora, devendo fazer-se uma preparação intensa para êsse acto soleníssimo, em tôdas as dioceses daquele país.

Três ilustres sacerdotes, membros de Ordens religiosas, foram já designados para redigir e apresentar ao Congresso os principais relatórios cujo assunto foi fixado pela secção teológica da Comissão.

O Rev.do Aubrou, da Companhia de Jesus, titular da cadeira de teologia Marial no Instituto Católico de Paris, tratará do «Soberania de Maria», segundo os dados da teologia positiva. O Rev. P. Dillenschneider, superior do Escolasticado dos Padres Redentoristas de Echternach, estudará êsse mesmo assunto sob o ponto de vista da teologia dogmática. O Rev. P. Luís da Trindade, de Argenlieu, provincial dos Carmelitas, deduzirá dessas exposições os respectivos ensinamentos de ordem moral.

Os actos que constituem a «missão marial nacional» que há-de preceder o Congresso são, entre outros, os seguintes:

a) uma cerimónia grandiosa na Catedral de Notre Dame de Paris, presidida por sua Eminência o Cardial Verdier, cerimónia à qual se associarão tôdas as Catedrais de França e das suas colónias.

b) a celebração particularmente fervorosa das cinco festas da Santíssima Virgem;

c) a renovação da consagração da França a Nossa Senhora, no dia 15 de Agosto, em tôdas as igrejas;

d) a execução dum vasto plano de ensino mariano por meio das grandes revistas, das *Semanas Religiosas*, das múltiplas organizações que os dioceses possuem, dos postos de radiofonia, etc., ensino cujo conjunto formará assim, através de todo o país, um verdadeiro «catecismo mariano»;

e) a organisação dum concurso para os sacerdotes, seminaristas, senhores, meninas, rapazes, e especialmente para os membros das congregações marianas — com prémios para as melhores obras apresentadas.

O 4.º Congresso Mariano Nacional Francês e, de modo particular, a «missão nacional» tem por objectivo supremo provocar em tôda a França uma extraordinária eflorescência de piedade mariana.

Portugal fidelíssimo, tão devoto da Mãi de Deus, unir-se-á sem dúvida, em espírito, às imponentes manifestações de fé e piedade que a França cristianíssima vai realizar em honra da augusta Raínha do Céu e que contribuírão para afervorar e dilatar o seu culto e o seu amor em grande número de corações.

# mês a mês

## JANEIRO

No abrir dêste Novo Ano — mais do que nunca, talvez — notou-se o esfôrço por escorar o velho arcaboiço do mundo que se fende e ameaça ruína. São os governantes de todos os povos com recepções e discursos, promessas e realizações, a cimentar os alicerces sôbre os quais se hão-de sobrepôr doze meses que reclamam o tacto e a subtileza de quem arma um castelo de cartas. São os súbditos de todos os chefes a prestar-lhes homenagem — sincera ou convencional. Contra o mal que sapa, que perverte, que derrui, é o bem a suster, a reparar, a sanear...

Festas do Ano Novo?... Não seria mais justo chamar-lhes trabalhos — trabalho insano, tentativa árdua de consolidação e de defesa?...

Nada estaciona todavia,—as artes, como as ciências e as letras,—na expectação de possíveis cataclismos. Nada estaciona, numa maré contínua de progresso e retrocesso: exposições, festas, concertos, montras de livreiros, reclamos, noticiário — impresso, telefonado, telegrafado ou radiodifundido — acariciam ou atormentam incessantemente os olhos e os ouvidos do cronista...

Mas tudo subvertem dois pontos capitais e para êles se voltam ansiosos todos os espíritos: a conflagração internacional em que degenerou, às nossas portas, uma deplorável luta de irmãos desavindos, e a luminosidade que irradia do Vaticano, do Trono de Pedro, dêsse Papa tão antigo e tão moderno..., «que tanto tem feito pela humanidade em geral», como há pouco escrevia um jornalista protestante norte-americano.

De vez em quando, aos olhares mais ou menos democratizados da humanidade chegam refulgentes e fascinantes visões de velhos palácios riais — de exterior maciço e severo, e recheio precioso — e os sorrisos dos novos soberanos da Inglaterra e dos noivos principescos da Holanda, caindo afectuosos e simples sôbre o povo que os festeja delirante, levam-no a sorrir-lhes também e a desejar-lhes a perpetuidade dêsse sorrir...

O furacão iconoclasta, cego e insaciado, arremete contra as mais raras obras de arte, mutila o mármore, calcina o bronze, reduz a cinza a madeira, a tela, o brocado... E a piedade cristã, paciente e perseverante, refaz, recompõe, restaura — onde quer que lho permitem as circunstâncias: assim a Polónia vai ter o seu monumento nacional, de consagração e penhor, ao Sagrado Coração de Jesus.

Manilla, sede do próximo Congresso Eucarístico Internacional, surgirá êste ano na carta do universo, em linhas novas e firmes, daquela mole vulcânica das Filipinas de que o mundo mal tem uma ideia ennevoada de malária e vegetação luxuriante, de especiaria e pesca maravilhosa de pérolas...

A Sagrada Congregação dos Ritos ocupa-se do processo de canonização dum grande português: João de Brito, *o novo Xavier;* e, evocando o seu vulto de pagem gentil que, aos quinze anos, trocou, num gesto de heróico desprendimento, o trajar cortezão pela roupeta negra, cessamos êste relancear pelo primeiro mês de 1937.

M. DE FREITAS.

---

Não importa que os meus anos sejam muitos; o que importa é que sejam fecundos em amor e sacrifícios.

*Irmã Maria Josefina de Freitas Tôrres Brandão.*

# ECOS DA FÁTIMA

## JANEIRO

— Na casa dos Retiros realizaram-se nos dias 2 a 5 exercícios espirituais para um grupo de professores de ensino primário, na sua maioria da Diocese de Portalegre. Presidiu S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Domingos Frutuoso, ilustre Prelado daquela Diocese que, alternando com o prègador do Retiro, Rev. P. Carvalho, S. J., fez algumas práticas.

— No dia 9, perante o Rev. P. Agostinho Marques Ferreira, pároco da fréguesia de Fátima, celebrou-se na capela do Santuário o casamento do Snr. Manuel Lopes David, comerciante em Santo António de Alvega, com a Senhora D. Maria Rosa Frade, natural daquela fréguesia.

Testemunharam o acto o pai da noiva, Snr. António Dias Frade, e o irmão da noiva, Snr. João Lopes David.

— A peregrinação de Santa Catarina da Serra, que costuma efectuar-se no dia da Ascenção do Senhor, antecipou-se êste ano, tendo-se realizado no Domingo, 10 do corrente mês.

Presidida pelo Rev. D. José Montez Rey, recentemente nomeado coadjutor da referida frèguesia, revestiu extraordinária imponência, devido já à piedade de todos seus membros, já ao aprumo dos diversos organismos da Acção Católica que dela faziam parte — L. A. C. masculina, J. A. C. masculina e feminina, benjaminas prejòcistas, — já à palavra quente e fervorosa do distinto sacerdote espanhol.

A' chegada à Capela das Aparições, rezou-se o têrço do Rosário e, em seguida, o Rev. D. José fez uma tocante exortação à SS.ma Virgem, rogando pelas vítimas do desastre de Pôrto de Mós, pelos paroquianos de Santa Catarina e pelo pároco que êle representava, por todo Portugal e pela Espanha.

Celebrou depois a Santa Missa no Pavilhão dos doentes, distribuindo a Sagrada Comunhão não só aos peregrinos, mas ainda aos fiéis que, habitualmente, porque veem de longe, comungam na missa dominical das 11 horas.

A's 2 horas da tarde rezou-se novamente, na Capela das Aparições, o têrço, intercalado de cânticos. Seguiu-se a exposição do Santíssimo, adoração e Bênção. A' despedida, novas preces, súplicas e agradecimentos em frente da veneranda Imagem, esculpida rigorosamente segundo as indicações dos videntes, e os peregrinos retiraram entoando o enternecedor «Adeus à Virgem».

— Menos concorridas que as do mês anterior as cerimónias do dia 13 apresentaram as características usuais de piedade e recolhimento e efectuaram-se também, como de costume, na melhor ordem.

À missa do meio dia foi celebrada pelo Rev. P. José da Cruz Perdigão, pároco da Marinha Grande que se fazia acompanhar de um número considerável de paroquianos. Fez a homilia o Rev. P. Higino Lopes Pereira Duarte, pároco da Barreira e procurador oficial da Diocese.

— O dia 15, aniversário natalício do nosso ilustre e venerando Prelado, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, foi dia festivo para tôda a diocese que, por todos os meios, individualmente ou representada por seus párocos e associações, pessoalmente ou por telegramas, cartas e mensagens, acorreu respeitosa e grata, ao Paço Episcopal de Leiria.

# "STELLA,,

## SAÚDA OS SEUS PRIMEIROS ASSINANTES, AGRADECENDO-LHES MUITO PENHORADA.

Dom José Alves Correia da Silva — Venerando Bispo de Leiria.
N.º 1 — D. Beatriz Gomes Ponce — Lisboa.
N.º 2 — D. Matilde Gomes Ponce de Santana Carvalho — Lisboa.
N.º 3 — D. Maria de Lourdes Vasques Martinho-Régua.
N.º 4 — D. Maria Júlia de Campos Justo — Santarém.
N.º 5 — D. Aurora da Silveira Fernandes — Queluz.
N.º 6 — D. Maria Alcina Vasques Pereira — Porto,
N.º 7 — D. Maria de Jesus Figueiredo — Lisboa.
N.º 8 — D. Maria Rosa dos Santos Amaro — Lisboa.
N.º 9 — D. Vergínia Viana — Santo Tirso.
N.º 10 — D. Maria de S. José Reis Marques — Reguengo Grande.
N.º 11 — D. Olinda Pinheiro Lopes Basilio — Porto.
N.º 12 — D. Delfina da Assunção Pereira — Vila Nova de Ourém.
N.º 13 — D. Ismália Baqueiro — Lisboa.
N.º 14 — D. Ana de Sousa Andrade — Lisboa.
N.º 15 — D. Antónia da Conceição Dias Formigão — Santarém.
N.º 16 — D. Maria do Céu d'Almeida — Porto.
N.º 17 — D. L. R. P. — Porto.
N.º 18 — D. Consuelo Passos Gouveia Homem-Lisboa.
N.º 19 — D Maria Henriqueta Amaro — Lisboa.
N.º 20 — D. Emília Cardoso — Santarém.
N.º 21 — D. Maria de Jesus Oliveira — Lisboa.
N.º 22 — D. Beatriz dos Santos Trindade — Ceiça.
N.º 23 — D. Luna Garcia Pinheiro — Lisboa.
N.º 24 — D. Adelaide de Melo Breyner (Sobral)— Santarém.
N.º 25 — D. Emília Adelaide Alves Cerdeira — Porto.
N.º 26 — D. Maria Henriqueta Wandschneider de Mesquita — Porto.
N.º 27 — D. Aida Serpa Pinto de Oliveira — Porto.
N.º 28 — D. Maria Francisca de Sá de Azevedo Coutinho — Porto.
N.º 29 — D. Maria de Lourdes Bernardete Gonçalves Fonseca Ribeiro — Lisboa.
N.º 30 — D. Maria Armindo Pinheiro e Silva-S.to Tirso.
N.º 31 — D. Maria Teresa de Oliveira Ferro-Bragança.
N.º 32 — José Vitorino Pinto — Castro de Avelãs.
N.º 33 — D. Rita da Conceição Afonso — Bragança.
N.º 34 — D. Ana dos Prazeres Almeida — Bragança.
N.º 35 — D. Maria Eugénia Terroso — Bragança.
N.º 36 — D. Cândida Emerenciana — Alfaião.
N.º 37 — Cónego Dr. Guilhermino Augusto Alves — Bragança.
N.º 38 — D. Júlia Freire — Lobito-Angola.
N.º 39 — D. Emília Freire — Ganda-Angola.
N.º 40 — D. Ana Amorim — Chaves.
N.º 41 — João António Alves — Salvada.
N.º 42 — Carolina da Silva Moreira — Lisboa.
N.º 43 — D. Berta de Sousa Macieira — Lisboa.
N.º 44 — D. Arminda Augusta Alves — Bragança.
N.º 45 — D. Lídia Hortense Garcia — Mogadouro.
N.º 46 — D. Maria Margarida Lima Pires — Avidagos.
N.º 47 — D. Maria Pavão — Chaves
N.º 48 — D. Carolina Maldonado — Bragança.
N.º 49 — D. Luisa Eugénia Furtado Dias Teixeira — Bragança.
N.º 50 — D. Helena Lôbo — Bragança.
N.º 51 — D. Maria Teresa de Barros da Rocha Carneiro — Fafe.
N.º 52 — D. Carlota da Conceição Pereira — Alfaião.
N.º 53 — D. Celeste da Conceição Sobral — Bragança.
N.º 54 — D. Maria Mesquita de Castro — Valdigem.
N.º 55 — D. Maria do Carmo Alves Martins-Santarém.
N.º 56 — D. Camila de Oliveira Veloso — Taboaço.
N.º 57 — D. Maria Romana de Vilhena Barbosa Caldas — Santarém.
N.º 58 — D. Maria Rita Cunhal — Montemor-o-Novo,
N.º 59 — D. Filomena Pereira de Castro-Ponte do Lima.
N.º 60 — D. Maria Amélia Ervideira — Lisboa.
N.º 61 — D. Maria dos Santos Lima — Ponte do Lima.
N.º 62 — D. Beatriz Pereira do Lago — Frechas.
N.º 63 — D. Teresa Cerqueira da Silva Campos-Viana do Castelo.
N.º 64 — D. Adriana Araújo Faria — Bragança.
N.º 65 — D. Leocádia do Amparo Costa — Macedo de Cavaleiros.
N.º 66 — D. Antónia Trajano Bastos — Estoril.
N.º 67 — D. Maria da Glória Vasques Osório — Régua.
N.º 68 — Joaquim Guedes da Silva — Pêso da Régua.
N.º 69 — D. Maria Cruz Neves - Porto.
N.º 70 — D. Palmira Reis e Silva — Golegã.
N.º 71 — D. Maria Adelaide Gama Pimenta de Castro — Viana do Castelo.
N.º 72 — D. Beatriz G. Braga — Bragança.
N.º 73 — D. Maria da Conceição Pereira de Eça-Lisboa.
N.º 74 — D. Stella Gonçalves Leitão Vieira dos Santos-Lisboa.
N.º 75 — D. Maria da Paz Batalha — Lisboa.
N.º 76 — D. Maria José Mexia Barata — Móra.
N.º 77 — D. Céus Pena Martins Gomes — Moita de Ribatejo.
N.º 78 — Dr. António Rodrigues da Silva — Coimbra.
N.º 79 — D. Alice de Miranda — Lamalonga.
N.º 80 — D. Luiza Miranda — Guimarães.
N.º 81 — D. Maria Leopoldina Miranda — Macedo de Cavaleiros.
N.º 82 — D. Maria Amélia Chiote — Tôrre D. Chama.
N.º 83 — D. Constança Silva — Lamalonga.
N.º 84 — D. Isaura Teixeira — Vilarinho do Monte.
N.º 85 — D. Adozinda Vinhas — Bragança.
N.º 86 — D. Hermenegilda de Albuquerque de Miranda Lopes — Chaves.
N.º 87 — D. Julieta Fortuna Moura — Bragança.
N.º 88 — D. Alice Vilão Lopes — Bragança.
N.º 89 — D. Maria Anunciação M. Almeida-Rio Maior.
N.º 90 — D. Fausta Sequeira Nobre — Rio Maior.
N.º 91 — D. Rita Barbosa de Sá — Rio Maior.
N.º 92 — D. Maria do Carmo Barbosa — Rio Maior.
N.º 93 — D. Laurinda Barbosa Feliciano — Rio Maior.
N.º 94 — D. Maria de Lourdes M. Quartilho-Rio Maior.
N.º 95 — D. Hortense H. Regalo — Rio Maior.
N.º 96 — D. Natalia d'Almeida Marques — Rio Maior.
N.º 97 — D. Maria da Conceição M. Barrela-Rio Maior.
N.º 98 — D. Nadeia das Dores Lucas — Rio Maior.
N.º 99 — D. Maria Antónia de Freitas Almeida Henriques — Lisboa.
N.º 100-D. Maria Manuela Godinho de Freitas-Parede — Linha de Cascais.

## Créme Endermina

O afamado **Creme Endermina** é de maravilhosos efeitos contra tôdas as doenças da pele, ainda mesmo as mais antigas, quer para adultos, quer para crianças. É admirável para **toilette.** Torna a pele muito macia e cicatriza as borbulhas que são treqüentes no rosto ou qualquer inflamação. O **Creme Endermina** possui a grande qualidade de tirar qualquer nódulo ou sardas.

**Pedidos aos**

**Laboratórios da Farmácia Pereira**

**Rua Cândido dos Reis, n.º 5 — COIMBRA**

**Preço do tubo: esc. 11$00. Pelo correio mais esc. 1$00**

## PEREGRINOS!

Revivereis as vossas aspirações, se adquirirdes:

# FÁTIMA

**Album com 65 vistas 3$50**

## Manual do Peregrino da Fátima

**3$00**

À VENDA NO SANTUÁRIO

# DESENHO E PINTURA

PAINEIS — RETRATOS — PAÏSAGEM — NATUREZA MORTA — CÓPIAS E RESTAURAÇÃO DE QUADROS ANTIGOS — AMPLIAÇÕES E REDUÇÕES — BANDEIRAS — PARAMENTOS

**Informa a Administração da "Stella„**

## DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DE FÁTIMA

**VISCONDE DE MONTELO**

**As Grandes Maravilhas de Fátima** — (Aparições–Interrogatórios–As primeiras manifestações de Fé e os primeiros milagres) **10$00**

**Fátima, o Paraíso na Terra** (Crónicas de 1928) **7$50**

**A Pérola de Portugal** (Crónicas de 1929) **5$00**

**O que é Fátima** **2$00**

**"Les Grandes Merveilles de Fatima„** **Frs. 17**

**Fé e Pátria** (no prelo) **10$00**

**Pedidos à** Casa de Nossa Senhora das Dores

*FÁTIMA – COVA DA IRIA – PORTUGAL*